

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

JÚLIA NUNES AZZI

**ECOS DE MEMÓRIA NA PALAVRA ESCRITA EM *CADERNO DE UM AUSENTE*,
DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA**

Porto Alegre

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS

JÚLIA NUNES AZZI

**ECOS DE MEMÓRIA NA PALAVRA ESCRITA EM *CADERNO DE UMA AUSENTE*,
DE JOÃO ANZANELLO CARRASCOZA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Letras.

Área de habilitação: Português, Inglês e Respektivas Literaturas.

Orientadora: Profa. Dra. Gínia Maria de Oliveira Gomes

Porto Alegre
Janeiro de 2018

AGRADECIMENTOS

Ao meu avô Sady, minha ausência pessoal, que não chegou a me ver entrar para a Letras, mas que foi essencial para a formação de quem eu sou e de tudo que se desenrolou na minha vida até aqui. Ler para ti e junto contigo, te ensinar e ser ensinada, jogar jogos com palavras, todas essas coisas que fizeram minha infância ser o que foi e que estão guardadas tão carinhosamente em minha memória, tudo isso foi uma influência essencial no caminho que escolhi e são coisas que, mesmo não explicitamente, eu sei que estão presentes no texto que escrevo.

Ao meu pai e minha mãe, por serem exemplos para mim e por sempre me estimularem a fazer e ser o melhor que eu puder. Também agradeço por todo o suporte e carinho, e mesmo pelos questionamentos, que me fazem crescer e estar cada vez mais certa de minhas escolhas. Também ao meu irmão, Vitor, por todo o apoio e todos os risos juntos, por entender e compartilhar minhas loucuras e ser uma fonte de paz e alegria para quando as coisas ficam mais difíceis.

À minha orientadora, Gínia Maria Gomes, por tudo aquilo que me ensinou e pelo tanto que me incentivou a crescer – e eu de fato cresci muito após começar a fazer pesquisas contigo. Agradeço em especial pela acolhida, por ter sido uma das primeiras professoras na universidade que me enxergou e se preocupou comigo, e também por me apresentar o lindo mundo da literatura contemporânea.

Ao grupo de pesquisa em contemporânea, onde estou há quatro anos, por ser um lugar onde eu consegui me sentir pertencente. Agradeço a todos aqueles que fazem ou fizeram parte do grupo em algum momento, pois cada um trouxe novos pensamentos e reflexões que me acrescentaram muito. Agradeço em especial a três pessoas, aquelas que faziam parte do grupo quando entrei e que foram fundamentais na minha trajetória. A Jéssica, por ser tão acolhedora e querida, pois meu pertencimento no grupo não seria o mesmo se não fosse por ti. A Camila, pela sensibilidade, pela compreensão, por algumas conversas ótimas que me ajudaram muito, especialmente quando eu estava no processo de começar a pensar este trabalho. E a Suelen, por ser sempre aquela pessoa que apoia, que escuta e que mostra que tudo vai ficar bem.

Às melhores amigas que a graduação me deu, Carla e Mariana, que foram fundamentais durante os últimos cinco anos. Ter conhecido vocês foi uma das melhores coisas que já me aconteceu, e eu sou muito grata em ter vocês na minha vida, por todo o suporte, por todo o carinho, risadas, puxões de orelha. Por todas as aulas e trabalhos compartilhados, por tudo que vivemos e vamos viver juntas. Por saber que tendo vocês eu nunca vou estar sozinha, porque

para tudo que vier nós estamos aqui, de braços abertos, sendo apoio umas para as outras.

Ao Ismael, por tudo. Por ter me ajudado muito em vários momentos, inclusive me dando total apoio na escrita desse trabalho. Por ler tudo aquilo que eu escrevo e se interessar pelo que tenho a dizer. Pelas muitas conversas e discussões interessantes. Por tudo aquilo que compartilhamos, te agradeço.

Ao Italo, por tudo que aconteceu desde que eu, cheia de sonhos, te encontrei cheio de sonhos e sentamos para conversar em um banco azul de uma escola em São Jerônimo. Por tudo que mudou na minha vida e na tua desde então, pelo quanto vamos crescendo e mudando e indo em direção às coisas que queremos. Por todo o teu apoio, por todas as nossas conversas e reflexões, por todas as dúvidas e (poucas) certezas que compartilhamos. Por me entender e me aceitar desde sempre.

Aos professores que foram grandes inspirações para que eu desejasse me tornar professora e para que eu me apaixonasse por literatura. Antes de entrar para a faculdade: minha mãe, Launi, Juliana. E dentro da UFRGS, Sandra, Ian, Regina, Antonio, Ana, dentre outros que contribuíram para essa paixão que sinto cada vez mais.

Por todas as escritoras e os escritores que alavancaram meu amor por literatura e que vão ajudando a construir quem sou, e em especial ao escritor João Anzanello Carrascoza, pela sensibilidade e pelo lirismo com que escreve. Por me ensinar tanto, a partir das palavras, sobre a vida, sobre as pessoas e sobre a própria palavra, ficam meus agradecimentos.

*Há tanto a te dizer agora! Meus olhos se gastaram
Procurando a palavra nas figuras, nos textos, nas estórias.
Era preciso viajar e levantada em renúncias redescobrir a morte
Além de seu sudário e suas tremuras. Quase nada
Há talvez a memória de tatos, um sentir rarefeito, um ouvido inexato
Deitado em solidão sobre o teu peito. E adeuses ingênuos, calados de vitória
E aquele de fereza, de acerto, dissolvido em orgulho, ressuscitado
Vagamente em canto. E na manhã, o meu sonho passara e a minha voz
Não se erguera em poesia.*

*Será preciso esquecer o contorno de umas formas que vi: naves, portais
E o grande crisântemo sobre a faixa restrita do canteiro.*

*Através do gradil, no terraço do tempo te percebo.
E ainda que as janelas se fechem, meu pai, é certo que amanhece.*

(Hilda Hilst)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o romance *Caderno de um ausente*, de João Anzanello Carrascoza, pensando as relações entre memória e escrita presentes no texto. Estes serão os pontos fulcrais que guiarão a análise realizada. Procura-se refletir sobre o modo como o caderno escrito por João para sua filha, Bia, lida com as memórias que seu narrador carrega, bem como com as heranças que busca transmitir à menina, junto àquelas que já se transmitem a partir dos laços familiares. Para analisar essas questões, em um primeiro momento, este estudo centra-se em João e em sua maneira de guardar suas memórias e transmiti-las a partir do escrito. Para isso analisa-se a significação deste caderno-herança e procura-se pensar sobre o modo como ele vai construindo seu texto com base nas lembranças. Em um segundo momento, o enfoque é dado à personagem Bia, e o objetivo é pensar a forma como essa herança que tanto pode ser voluntária (a partir do caderno em si) quanto involuntária (a partir dos laços) pode ir moldando aos poucos aquilo que a menina será, a identidade que virá a ter, como expresso em muitas reflexões do narrador. Para realizar tal análise são utilizados como aporte teórico textos de Aleida Assmann, Henri Bergson, Jeanne-Marie Gagnebin, Michael Pollak, Philippe Artières, dentre outros.

Palavras-chave: *Caderno de um ausente*; João Anzanello Carrascoza; Memória; Escrita; Herança.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the novel *Caderno de um ausente*, by João Anzanello Carrascoza, approaching the relation between memory and writing presented in the text. These are the key points that will guide this analysis. This paper will reflect about the way how the notebook written by João to his daughter, Bia, deals with the memory that its narrator carries along, as well as with the heritage which is transmitted to the girl, alongside the ones which are conveyed through family ties. In order to analyze these issues, firstly, this study focuses on João and on his manner of keeping his memories and transmitting them through written words. The meaning of this notebook/heritage will be interpreted insofar as the way in which the character constructs his text based on his memories is taken into account. In a further moment, this research focuses on Bia, and the objective involves a reflection concerning the way in which the heritage – that can be either voluntary (by the notebook) or involuntary (by familiar ties) – can progressively shape who the girl will be, the identity that she will have, as expressed many times by the narrator's reflections. In order to do this analysis, some of the theorists utilized are Aleida Assmann, Henri Bergson, Jeanne-Marie Gagnebin, Michael Pollak, and Philippe Artières.

Key-words: *Caderno de um ausente*; João Anzanello Carrascoza; Memory; Writing; Heritage.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	9
2 – Lembranças afetivas, história narrada: as memórias de João	
2.1 Um caderno e suas ausências.....	13
2.2 De onde partem as lembranças.....	20
2.3 Onde se resguardam as lembranças.....	28
3 – Heranças de sangue, heranças de verbo: as memórias para Bia	
3.1 Legados em corpo e nome.....	37
3.2 Legado em letras e traços.....	44
3.3 Formar-se a partir, e apesar, das heranças.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	60

1 INTRODUÇÃO

O laço entre escrita e memória é um tema que se encontra frequentemente retratado na literatura, mesmo que de maneiras muito diversas, considerando que o literário está ligado em sua origem ao contar, ao narrar, e isso pressupõe uma relação de intimidade com as lembranças. São diversos os romances que contêm referências ao ato de rememorar, ou até mesmo reflexões e pensamentos sobre os próprios fazeres da memória. Desde os primeiros romances isso está presente; o que muda conforme passam as épocas é o modo como se encara a narrativa memorialista. Há uma tradição, cujo expoente se situa na obra de Marcel Proust, de romances mais intimistas que, ao passo que rememoram, também refletem sobre o movimento de rememoração. Tal tendência se encontra igualmente presente na literatura brasileira, em romances como *Quase memória* (1995), de Carlos Heitor Cony e *Relato de um certo Oriente* (1989), de Milton Hatoum, bem como na literatura contemporânea atual, como é o caso do livro a ser estudado.

Muitos romances lançados nos últimos anos trazem fortemente esse tom memorialístico, permeado pelas reflexões sobre o seu fazer. Memórias traumáticas, memórias coletivas, memórias de imigrantes, memórias do exílio, memórias individuais, todos esses temas estão presentes na literatura atual, talvez nem podendo ser chamados de vertentes pelo tanto de entrecruzamento que há entre um e outro, considerando que muitos livros contêm mais de um tipo em suas composições. Na linha de romances que trazem questões de memória e, muitas vezes, reflexões de seu narrar, alguns exemplos são: *Pelo fundo da agulha* (2006) de Antonio Torres; *A chave de casa* (2007), de Tatiana Salem Levy; *Azul-corvo* (2010), de Adriana Lisboa; *Diário da queda* (2011), de Michel Laub; *A imensidão íntima dos carneiros* (2015), de Marcelo Maluf; *Mar azul* (2015), de Paloma Vidal; dentre diversos outros.

Caderno de um ausente (2015), de João Anzanello Carrascoza, se insere nessa tradição por ter a memória como um de seus eixos centrais e por trazer reflexões sobre a própria palavra, ao mesmo tempo em que parece se alinhar a uma tendência de escrita mais sensível, pautada naquilo que há de mais íntimo e individual, atentando para o ínfimo, as nuances, os detalhes, e buscando explorar o potencial poético das palavras. Nesse sentido, com seu lirismo, o livro parece ocupar um lugar ímpar na literatura atual.

Ao que me parece, poucos são os romances brasileiros dos últimos anos a trazer uma carga lírica e poética tão forte. Essa escrita sensível – esse olhar que penetra no íntimo das coisas – é um dos principais motivos que me levaram a querer estudá-lo. E essas questões relativas à escrita e à memória parecem ser o melhor caminho para adentrar nesse caderno. Muitas vezes, a história narrada por Carrascoza – a trama, o enredo propriamente dito do romance – está entre uma linha e outra, nos suspiros e pausas embalados pela construção da linguagem. Devido a isso, analisar e estudar tal romance possui algo de desafiador, por ser ele tão delicado, como se precisasse ser acerbado cuidadosamente. Não se trata de uma inundação, mas de borrifos nos quais nos orvalhamos pouco a pouco, nas frases, nas palavras, nas vírgulas. Mas é justamente essa sensibilidade e o tom poético das reflexões que fazem com que sejam, ao menos para mim, uma obra e um escritor que merecem mais estudos e mais fortuna crítica – considerando também que ainda não há nenhum estudo (em monografias, teses ou dissertações) sobre o livro aqui analisado, nem sobre os demais romances do escritor, somente alguns textos sobre seus contos.¹

Nascido em 1962, João Anzanello Carrascoza é um escritor e professor, natural de Cravinhos-SP, que, em atuação desde os anos 1990, publicou diversos livros de contos, bem como de literatura infanto-juvenil, e que nos últimos anos tem se dedicado à escrita de romances. Seu primeiro romance, *Aos 7 e aos 40*, no qual já se nota a preferência pela temática da memória e por essa escrita sensível, foi publicado em 2013. *Caderno de um ausente* é seu segundo romance e foi publicado em 2015 pela Cosac Naify, tendo ganhado o segundo lugar no Prêmio Jabuti. Em 2017, esse romance foi republicado pela editora Alfaguara, fazendo agora parte de uma trilogia com outros dois romances.

A *Trilogia do Adeus*, como foi denominada, é composta pelos livros *Caderno de um ausente*, *Menina escrevendo com pai* e *A pele da terra*. Os três partem de narradores distintos para contar a história de uma família e suas perdas, e compartilham entre si o tema da memória e das lembranças, evocadas a partir do ato de escrita por sujeitos que, em seus textos, vão narrando um pouco para um interlocutor e um pouco para si mesmos.

1

Conferido no site da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações <<http://bdtd.ibict.br/vufind/>> , acessado pela última vez em 16 de dezembro de 2017.

Todos estão bastante voltados para a questão das relações familiares e da ausência, bem como as formas de lidar ou entender esta ausência a partir da memória. Tal lacuna, mesmo que em sua iminência, está sempre presente, e dependerá de cada personagem o modo como se relacionará com ela.

Caderno de um ausente é um romance que atua ao mesmo tempo como uma carta e como um diário. O narrador, João, escreve reflexões baseadas em suas lembranças, e essas reflexões são endereçadas à sua filha, Bia, que acaba de nascer. Por ser um pai de idade avançada, ele sabe que sua ausência se fará presente para Bia em um momento não muito distante. Ele tem consciência da inevitabilidade da própria morte, então escreve esse caderno para a menina como uma forma de guardar a si e as suas lições para um dia fazer-se de novo lembrança no olhar da filha. Escreve para que consiga estar ao menos um pouco presente após não estar mais com ela.

Os outros dois romances da trilogia fazem parte da mesma história, mas são narrados por outros personagens, a partir de seus pontos de vista. *Menina escrevendo com pai* é narrado por Bia, que, após a morte do pai, escreve as memórias das coisas vividas junto a ele. João consegue acompanhar a infância e a adolescência da menina, estando sempre presente e criando com ela um relacionamento rico em ensinamentos e aprendizado. E esse é o momento de Bia, que era antes a interlocutora, assumir o peso da caneta e começar a narrar. O terceiro romance, *A pele da terra*, é narrado por Mateus, filho mais velho de João e meio-irmão de Bia, que conta suas lembranças de uma peregrinação junto ao filho, que também se chama João - como se estivesse completando um ciclo. Os dois realizam juntos uma viagem para Santiago de Compostela, e vários detalhes dessa viagem são rememorados por Mateus, compondo diversas reflexões sobre as relações familiares. Temos então três modos de escrita de memória: no primeiro romance, um caderno enquanto tentativa de deixar uma presença. No segundo, um livro de memória-homenagem. No terceiro, o relato de uma viagem de descobertas, a qual se revela fundamental para o personagem. Porém, embora os três compartilhem questões de memória e escrita, este trabalho irá se centrar no primeiro romance apenas, com o objetivo de analisá-lo em suas nuances e pormenores.

Em sua estrutura enquanto caderno, testamento e herança para Bia, *Caderno de um*

ausente traz a questão da memória em diferentes níveis, especialmente enquanto 1) lembranças e narração de João; 2) transmissões de uma herança para Bia. Esses dois aspectos, que nunca deixam de se entrecruzar, serão analisados nos dois capítulos deste trabalho. No primeiro capítulo, a temática da memória será analisada tendo como ponto central essas lembranças de João, especialmente em sua dimensão afetiva, no modo como ele lida com esse passado em conjunto com o que está a ocorrer no momento, e dispõe disso, mesmo que no detalhe, nas entrelinhas da narrativa. Também será pensada a questão da narração de si, a relação de João com essa escrita na qual ele procura restar, considerando-a também como uma busca por si mesmo.

No segundo capítulo, a memória será pensada enquanto transmissão de uma herança, uma transmissão que ocorre tanto de forma involuntária (pela família, pelo sangue, por tudo aquilo que faz parte de nós mesmos antes de nos definirmos) como de forma voluntária (que é o que ocorre quando ele escreve o caderno para ela e busca transmitir sua experiência). Essa parte do texto também irá refletir sobre como essas transmissões influem na identidade em formação de Bia.

2 LEMBRANÇAS AFETIVAS, HISTÓRIA NARRADA: AS MEMÓRIAS DE JOÃO

2.1 UM CADERNO E SUAS AUSÊNCIAS

Ouve-me, ouve o silêncio. O que te falo nunca é o que eu te falo e sim outra coisa. Capta essa coisa que me escapa e no entanto vivo dela e estou à tona de brilhante escuridão.

(Clarice Lispector)

No próprio título do romance já estão expressos seus temas principais. O caderno pressupõe a escrita e as marcas: é um objeto físico no qual o ato de escrever ficará traçado nas palavras, na caligrafia, nas rasuras. Mas este não será qualquer caderno, pois no título também está colocada a condição que lhe é fundamental: a ausência que lhe constituirá. Essa escrita é uma tentativa de presença, de não se deixar esquecer. O trágico deste registro é que ele só será lido após aquele que empenhou a caneta ter virado somente memória, após tornar-se concreta sua ausência na vida daquela que o lê. O caderno será como um testamento para Bia, uma forma de não a deixar desamparada de todo e de contribuir em sua herança de memórias, além de também guardá-la mais e mais dentro de si, como o próprio personagem atesta: “[...] por isso eu deixo aqui, escritas, as minhas margens, Bia, porque já estou te perdendo, eu já te perdi por tudo o que vivestes até este instante, mas eu te recupero com as palavras, Bia [...]” (CARRASCOZA, 2017, pp. 103-104). Há uma consciência da efemeridade das coisas e da inevitabilidade de se ausentar, sendo esse o motivo pelo qual escreve.

Em termos de formato, o livro parece imitar a materialidade de um caderno, em seu tamanho e forma. Além disso, as próprias marcas da escrita ali estão expressas. Em relação à sua estrutura, há a presença de traços cinza em alguns momentos em meio ao texto, entre uma frase e outra. Conforme a edição ou o suporte do livro, a interpretação sobre essas marcas pode ter variações. O que significam os traços, essas pausas, esses símbolos entre as palavras? Na primeira edição, pela Cosac Naify, os traços são simples

espaços em branco que aparecem entre algumas frases. Nesse caso, parecem silêncios, como se representassem os não-ditos de João em meio a tudo o que busca dizer à filha. Também podem ser lidos como pequenas pausas, possibilidades de respiro para João, para Bia, para quem o lê – o que não deixa de ser algum tipo de silêncio, a guardar o que não se quis dizer, ou o que será dito após respirar. Na versão e-book do livro, os traços-silêncio são substituídos por traços pretos. Nesse caso, não parecem ser quietos, e, se forem pausas, muda-se a qualidade da pausa. Poderiam ser interpretados como rasuras. Algo já foi dito e apagado, mas não foi possível retornar ao estado de silêncio, as cicatrizes continuam a gritar no papel. A última versão, lançada junto à trilogia, parece unir as duas impressões, os traços não são silêncios em branco nem rasuras gritantes, são linhas cinza, que não destoam muito do fundo do papel. Parece a mistura entre silêncio e marcas, um silêncio que pesa e que aparece. Muito do que o personagem tem a dizer é dolorido, e mesmo que não seja dito de todo, mesmo que seja símbolo de suas hesitações no dizer, suas pausas, seus medos, tudo resta marcado no escrito. Rastros.

De acordo com Jeanne-Marie Gagnebin, a escrita

[...] deseja perpetuar o vivo, mantendo sua lembrança para as gerações futuras, mas só pode salvá-lo quando o codifica e o fixa, transformando sua plasticidade em rigidez, afirmando e confirmando sua ausência – quando pronuncia sua morte. (GAGNEBIN, 2006, p. 11)

A autora refere-se em especial a formas coletivas de pensar a relação da escrita com a memória, mas suas ideias podem ser aproximadas à narração individual que se procura analisar. Dessa forma, a escrita fixa esse João que escreve e só cumprirá o seu objetivo de fato quando o autor estiver morto e, logo, for uma ausência na vida de Bia. O que escreveu estará cristalizado e as memórias estarão mortas no papel, embora vivas dentro da menina. Segundo Gagnebin (2006), a transmissão da memória pode se dar a partir da oralidade, em uma forma viva, porém efêmera, ou a partir da escrita, que perdura, mas que traz o peso da ausência. As memórias que João, vivo, cria junto com Bia, os ensinamentos que lhe passa pela presença – como se confirma no segundo livro, *Menina escrevendo com pai* - são a transmissão viva, enquanto que o caderno guarda em si esse

signo da ausência, embora aja como um catalisador para as lembranças da menina: “[...] estas palavras – e todas as outras – incineram-se depois de bem ou mal ditas, como folhas de papel sobre a chama do isqueiro; mas, com elas, é que damos corda em nossas recordações [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 104).

Uma outra forma de guardar a memória, menos fixa, mas talvez mais viva e, de certa forma, mais sincera do que a escrita em si, são os rastros que, de acordo com Gagnebin (2006, p. 44) “inscreve[m] a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente”. Eles não são necessariamente criados, sendo geralmente deixados ou esquecidos. Aleida Assmann (2011) apresenta uma ideia parecida quando fala sobre os vestígios, que constituem uma outra experiência de proximidade em relação à memória, diferente da escrita. Eles incluem aquilo que é não-verbal, pensando mais na questão material, em elementos que funcionam não tanto a partir de signos facilmente interpretáveis, mas a partir de estampas ou impressões. Isso pode se relacionar com o romance estudado ao se pensar na materialidade do caderno em si – e daquilo que esse objeto significará para Bia – como um rastro ou um vestígio dessa escrita de João. Dessa forma, o caderno enquanto objeto deixado para a menina, para além da atividade escrita que lhe constitui, seria algo já de muita importância e significado, a preservar uma memória. Os traços em meio ao caderno, suas pausas, a quantidade de presente que ali está impresso, tudo isso talvez pudesse ser considerado como uma espécie de vestígio, para além do conteúdo daquilo que foi escrito: o caderno e seus traços como rastros desse João que teme a própria ausência.

Não apenas o conteúdo de lembranças e lições a serem expressas, mas também a própria fala de João, sua forma de escrita, o modo como ele se coloca no texto, é de muita relevância para seu significado futuro junto a Bia. Em uma entrevista respondida pela estudiosa Eclea Bosi, que trata de questões de memória, ao falar sobre aquele que dá seu testemunho sobre suas lembranças, ela diz que o passado é um outro absoluto e só se pode conhecê-lo pela voz de seu narrador:

[...] a fala emotiva e fragmentada do nosso memorialista é portadora de significações que nos aproxima da verdade. Nós temos que aprender a amar esse discurso tateante, as suas pausas, as suas franjas, com fios

perdidos quase irreparáveis. (BOSI, 2012, p. 197)

É claro que esses dizeres se referem em especial a pessoas reais e suas narrações para os historiadores, mas acredita-se que isso que a autora diz sobre o significado desse discurso cheio de desvios e fragmentos seja importante para entender o modo como se constitui a fala de João para Bia, que, embora escrita, possui a marca de algo imediato e não tão planejado. Nesse diálogo, talvez tão importante quanto aquilo que é dito, seja o fato de João estar dizendo, o porquê, dentre a infinidade de coisas que poderia dizer à filha, ele seleciona justamente essas que estão no caderno; os detalhes, a localização de cada traço, onde começa e onde acaba cada fragmento, e também aquilo que está por trás de tudo o que diz, visto que “[...] as palavras dizem também outras coisas quando enunciam o que enunciam [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 66). Tudo isso é a voz desse pai, que apesar do cuidado com a linguagem e com as palavras, não deixa de possuir esse “discurso tateante” e cheio de pausas, que transmite a emoção e o quanto lhe afeta dizer tudo aquilo que está dizendo.

Considerando as epígrafes do romance, elas mostram uma relação com a ideia de transmissão. Uma fala em dizer, outra fala em ensinar, ambas se relacionando a seu processo de diálogo com Bia. São modos de ler a maneira como João passa para a filha alguns de seus aprendizados sobre a vida e a morte, baseados em sua experiência. Como na epígrafe de Raduan Nassar – “que doce amargura dizer as coisas” (NASSAR apud CARRASCOZA, 2017) – essa “doce amargura” está entranhada no tom do texto, no qual João diz muitas coisas a Bia, mas não esconde aquilo que há de triste, e especialmente o quanto é triste o porquê de estar dizendo. A epígrafe de Santo Agostinho – “de que modo ensinai as coisas futuras, / ó Senhor, para quem não há futuro?” (SANTO AGOSTINHO apud CARRASCOZA, 2017) - vem de um trecho de suas confissões denominado “Oração ao Senhor do Futuro”, que reflete muito a questão temporal, mas sobre a ótica do “como dizer”, como passar um conhecimento que não se pode ser passado. João escreve para a Bia que virá, uma Bia adulta que não chegará a conhecer, e busca dar lições para sua vida futura baseando-se no presente que percebe e em seu passado de experiências. Devido a esse lapso no tempo, parte dessa escrita parece momentaneamente estar ecoando no vazio, já que não há como saber onde o fluxo de vida levará esses

escritos, e o quanto esses ensinamentos vão valer, se vão atingir o seu destinatário e ter para este algum sentido. Ao mesmo tempo, em relação a essa epígrafe, enquanto a ideia de ensinar se refere a memórias e experiências, falar sobre ensinar “coisas futuras” parece remeter a uma outra dimensão, não apenas recordar por recordar, mas como uma forma de ação no mundo.

Há uma forte relação com o presente na escrita de João. A forma como ele escreve, muitas vezes, é uma maneira de apresentar para uma leitora tardia aquilo que está a acontecer no momento. Perenizam-se alguns instantes envoltos nas linhas. A narração do caderno tenta dar conta do presente, para que este se torne por transmissão uma memória para Bia, que não se lembrará no futuro o que está a ocorrer no momento – e, junto a isso, é uma maneira de trazer memórias daquilo que se passou muito antes. João fala com Bia primordialmente no tempo presente. Ela é uma interlocutora viva, está ali junto, lendo as palavras ditas por ele, que é um ausente repleto de presenças em seu verbo de carne. Ao mesmo tempo, a escrita muitas vezes também funciona como uma maneira de reatualização do passado, utilizando-se das lembranças e da experiência de vida para, nessa narração, repensar aquilo que se passou sob a luz do presente: “[...] a palavra, seja qual for, é a segunda vez, a única que, apesar de seu atraso, de sua força reduzida, nos resta, Bia, pra suturar as vivências e evitar que caiam no chão como roupas dos cabides.” (CARRASCOZA, 2017, p. 111).

Jacy Alves de Seixas (2001) disserta sobre esse assunto, pensando especialmente na questão das memórias voluntárias e involuntárias em relação ao ato de recordar. A autora diz que é esse “trazer à tona que constitui o fundamento mesmo da memória, pois o passado que “retorna” de alguma forma não passou, continua ativo e atual e, portanto, muito mais do que reencontrado, ele é retomado, recriado, reatualizado.” (SEIXAS, 2001, p. 49). O passado de João está colocado no modo como ele busca transmitir um pouco de sua experiência para Bia, mas esse mesmo passado também se repensa e se recria ao ser colocado em palavras, como parte de um diálogo. No romance, o pretérito vivido pelo pai e o presente que ele vive enquanto escreve estão completamente imbricados e se influenciam.

Aquilo que ele escreve para a filha tem o propósito do ensinamento, mas também é

uma maneira de se fazer presente, bem como de se entender melhor. Michel Foucault (1992), em seu texto “A escrita de si” fala sobre o ato de escrever cadernos de notas (hypomnēnata) e cartas, e como isso tem relação com o crescimento e a expressão pessoal do indivíduo. Ele dirá que as correspondências para outrem muitas vezes se aproximam dos cadernos de notas, pois cartas têm a dupla função de afetar com a leitura aquele que a recebe, bem como afetar pela escrita aquele que a envia, visto que ao escrever estamos nos lendo, assim como ao falar estamos também nos ouvindo. Os conselhos ao próximo são igualmente uma forma de aconselhar a si próprio. Foucault diz que a carta é uma maneira de manifestar a si, de se fazer presente a esse outro, em uma presença que é quase física:

Escrever é pois “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, a carta proporciona um face-a-face. (FOUCAULT, 1992, p. 151).

Interpretando o caderno de João como uma grande carta para a Bia futura, vemos como ele procura colocar seu próprio rosto em face da menina, fazer com que ela o sinta vivo e presente, proporcionar a troca de olhares que não seria mais possível. Sua herança é feita de ensinamentos, mas também de sua própria presença, uma presença pelas palavras, que é a única possível em face do aniquilamento.

Sobre o modo como as lembranças são evocadas e revividas por João a partir de sua escrita para Bia, pode-se pensar na ideia de escavação das memórias passadas, apresentada por Walter Benjamin (1987) no fragmento “Escavando e recordando”, do livro *Rua de Mão Única*, que fala sobre o processo difícil que é adentrar nas próprias lembranças, processo de onde só será possível retirar alguns fragmentos, mas insistir nessa escavação muitas vezes compensa e permite que se encontrem não só as lembranças, mas o próprio ser, aquilo que constitui o homem que as enterrou. De acordo com Benjamin, apenas essa exploração cuidadosa dos fatos antigos (no romance, feita a partir de reflexões de João destinadas a Bia, as quais, mesmo não explicitamente,

baseiam-se em suas memórias) pode entregar àquele que relembra aquilo que vai fazer valer o ato de escavar. O importante nessa exploração é encontrar aquilo que há de antigo nesse terreno de hoje, perceber o homem que se constitui por essas lembranças, o que se vislumbra de inteiro a partir dos fragmentos:

Uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente. (BENJAMIN, 1987, p. 240)

As lembranças de João são importantes não simplesmente pelo seu conteúdo, mas pela forma como o ajudaram a se constituir e constituir a experiência que agora busca transmitir.

E ao mesmo tempo, esse caderno, para além de ser essa herança para a filha, é também uma forma de João lidar consigo próprio e com aquilo que está acontecendo em sua vida no momento, essa série de mudanças às quais, a princípio, ele não saberia bem como reagir. Acaba sendo mais fácil seguir com as palavras e ter a segurança do verbo para lidar com a novidade: uma nova presença, nascimentos. A escrita no caderno dura o período de um ano, iniciando-se com o nascimento de Bia e acabando por volta de um ano depois, quando Juliana, a mãe de Bia, morre. Trata-se, então, de um relato que começa com nascimento e termina com morte, o que é muito significativo, considerando que João se propõe a ensinar a Bia lições sobre a vida e suas perdas. Mas também, pensando que quando Juliana se vai é a hora em que João para sua escrita, pode-se pensar que talvez este seja o momento para que ele assuma em definitivo sua presença, pelo tempo que lhe cabe. No escrito ele já disse muito do que tinha a dizer, e agora é o momento de assumir-se muito mais vivo no mundo de Bia, sendo de fato aquele que vai educá-la e que vai, junto com ela, aprender a viver essa outra ausência.

“[...] tu podes, Bia, podes tocar, não com o pensamento, mas com o teu sentir, o que vibra entre as minhas palavras, e recolher, como roupas no varal, os significados dependurados em suas entrelinhas, e, também

apanhar, no conjunto deles, a história que começam a contar [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 83).

Essa é a expectativa de João quanto àquilo que escreve para filha. Não é um escrito para o pensamento, não é um mero registro da memória. Na palavra de João há sangue, há lágrima, há corpo, o que está no texto está vivo, e junto aos significados daquilo que ele diz, estarão todos os significados que Bia criará, o que é a essência de um diálogo. O que João tem a dizer está nas entrelinhas, nos traços do vestígio que deixa. Ele escreve para ela, e escreve de si: nessa escrita está unido o que ele foi ao que ela será.

2.2 DE ONDE PARTEM AS LEMBRANÇAS

*A narina presente
colhe o aroma passado.
Continuamente vibra
o tempo, embalsamado*
(Carlos Drummond de Andrade)

No livro *Matéria e memória*, Henri Bergson (1990) fala sobre a forma como adquirimos, armazenamos e selecionamos nossas lembranças no curso de uma vida. O corpo se desenha no centro das nossas percepções sobre as coisas, sendo que, segundo o autor, “não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada” (BERGSON, 1990, p. 22). Aquilo que percebemos sobre o que está ocorrendo não é algo inteiramente presente – o que nem existe em si, pois todo presente é feito de passados e futuros – mas carrega a carga das lembranças adquiridas ao longo da vida. A memória, sendo memória-hábito ou memória-lembrança (distinções apresentadas por Bergson), é o que direciona todo o curso de nossa ação e percepção corrente. Aquilo que o personagem sente em relação ao que está vivenciando e em relação à Bia, toda essa experiência que é nova para ele e que vai aparecendo nos fragmentos da escrita, essas percepções estão impregnadas das lembranças que João guarda daquilo que viveu. Sua experiência, estocada sobre a forma de lembranças, influi naquilo que percebe no momento e, conseqüentemente, naquilo que ensina à menina. Sua própria ideia de

ausência está permeada pelas outras ausências que viveu. Bergson afirma, sobre as imagens da memória:

[...] a todo instante completam a experiência presente enriquecendo-a com a experiência adquirida; e, como esta não cessa de crescer, acabará por recobrir e submergir a outra. É incontestável que o fundo de intuição real, e por assim dizer instantâneo, sobre o qual se desenvolve nossa percepção do mundo exterior é pouca coisa em comparação com tudo o que nossa memória nele acrescenta.” (BERGSON, 1990, p. 49)

Isso quer dizer que junto à experiência de ter uma filha estão acrescentadas muitas das experiências passadas, as quais influenciam a forma como João irá vivenciar esse momento. A memória ocupa um lugar muito importante durante todo seu escrito, pois, ao mesmo tempo em que deseja escrever lições e fazer-se lembrança para ela, as suas próprias lembranças lhe invadem e influenciam completamente o modo como lida com a menina e as coisas que procura ensinar para essa futura Bia. Mesmo o momento do nascimento da menina, que é o que inicia o romance, faz João se lembrar de aspectos sobre o seu próprio nascimento (obviamente pelo que ouviu mais tarde) e do nascimento de seu filho mais velho. Essa percepção do momento vem acompanhada das outras percepções passadas, que a complementam, mesmo que pela lógica da comparação. Aquilo que ele procura trazer para a filha em termos de memória relaciona-se tanto com a ideia de memória-hábito quanto com a de memória-lembrança. Segundo Bergson, a memória-hábito é aquela que se direciona para o presente, é muito mais uma consciência adquirida do que uma lembrança, é quando aprendemos uma lição e essa lição se introjeta dentro de nós. Mas, se tentamos voltar nossa atenção para o passado e reviver memórias específicas, cenas com datas e locais, então se utiliza a memória-lembrança (também conhecida como memória pura), aquela em que o passado é reconhecido em sua força, e para chegar nesse uso é preciso um certo esforço de retroceder, “é preciso poder abstrair-se da ação presente, é preciso saber dar valor ao inútil, é preciso querer sonhar.” (BERGSON, 1990, p. 63).

Os dois tipos estão absorvidos no modo como João busca passar seus ensinamentos para Bia. O primeiro tipo de memória parece estar na forma como ele guarda dentro de si

alguns valores e alguns aprendizados que teve ao longo da vida: sua atenção aos detalhes e coisas simples, o modo como valoriza a herança familiar que carrega, o modo lírico como enxerga aquilo que está a acontecer no momento presente. Podemos ver tudo isso como “hábitos”, uma experiência adquirida que guia o modo como age, como enxerga as coisas e, conseqüentemente, aquilo que ensina. A memória-lembrança é o que João abstrai do passado, tudo o que conta a Bia de sua vida, até mesmo a memória das coisas que acabaram de ocorrer, como o nascimento da menina ou seus últimos gestos em relação a ela. A escrita é uma forma de revisitar isso, de retroceder para então refletir sobre. O narrador mesmo busca pensar sobre esse uso que faz do lembrar e sobre como é essencial fazer o diálogo entre o que está a acontecer no momento e o que já houve na experiência:

Lembranças, não há o que fazer com elas, Bia, mas também se não existissem, eu não poderia te deixar este legado, porque só escrevemos sobre aquilo que se engravou em nossa memória; depois de sentir o oceano debaixo dos pés, fazendo-nos cócegas, não há como senti-lo novamente naquele agora, senão por meio de recordações [...]. (CARRASCOZA, 2017, p. 99)

Isso se refere em especial a essas imagens-lembrança daquilo que permanece no passado. O que foi aprendido vira parte do hábito de olhar, é experiência adquirida. Mas quanto ao que foi vivido, é necessário retornar e perceber as coisas com a visão de quem agora tem um legado a ser deixado. Esse passado começa a fazer parte do momento presente a partir das recordações que vão sendo reavivadas.

Jean-Yves e Marc Tadié (1999) afirmam que as percepções se tornam lembrança a partir de três modos principais de aquisição: repetição ou associação, atenção e afeto, sendo a memória afetiva aquela que mais fortemente se imprime sobre o indivíduo. “Tudo é afeto”² (TADIÉ; YVES, 1999, p. 104), a vida entra em relação permanente com outros seres, outras coisas, e cada uma dessas relações carrega em si doses de afeto, mesmo que nem sempre se note, pois até mesmo a pretensa indiferença é um modo de

2

Tradução minha. No original: “Tout est affect”

afeto. Cada percepção do mundo exterior nos traz algum tipo de impressão, de intensidade variável. Aquelas que tiverem uma maior carga afetiva, positiva ou negativamente, serão as que terão mais possibilidade de serem revisitadas pela memória. A descarga afetiva em face de uma situação nem sempre está no controle do indivíduo, mas é isso que condiciona as cenas que este lembrará talvez pela vida inteira. Alguns desses momentos podem influenciar muito a personalidade daquele que os viveu.

No *Caderno de um ausente* parece haver memórias que se criam por atenção – o modo como João muitas vezes afirma pôr todo o seu foco sobre um determinado instante no tempo para capturá-lo – e especialmente pelo afeto que provocam. Atenção é o que ele dá às pequenas coisas, aos detalhes que, em um instante posterior, acabam por ser rememorados, principalmente porque junto com a atenção mescla-se o afeto. É a memória afetiva que vai ocupar o ponto central. Ele transmite as memórias afetivas que possui e espera ser esse mesmo tipo de memória para ela também: afetos. Assim como ocorre em suas lembranças de infância, que transmite aos poucos e nas quais é visível o quanto de afeição que carregam, como, por exemplo, quando ele descreve a figura do pai a partir de uma fotografia:

[...] este é o teu avô comigo, eu ainda menino, o teu avô André, homem maior, pena que nunca verás os olhos verdes dele – doía a gente mirar, tão bonitas eram aquelas esmeraldas vivas! –, e aquelas mãos vincadas de histórias, que muitas terras lavoradas deveriam agradecer, o teu avô sabia aprumar as sementes, nutrir as plantas com a justa medida de água e sol, recolher, sempre zeloso, os frutos sadios das árvores [...] uma pena que não podes ver, através desse tom sépia, a intensidade da vida vinda do chão onde ele pisava [...]. (CARRASCOZA, 2017, p. 39-40)

O sentimento do narrador e a forma como ele primeiramente guarda em si e depois transmite essa memória como um tesouro é algo visível. A interação entre os personagens estará geralmente permeada pelo caráter afetivo da experiência. João parece saber reconhecer a carga de estima que subjaz a todas as coisas, e se utiliza disso para compreender o mundo. O fato de algumas memórias influenciarem na personalidade também é expresso por ele, especialmente quando fala sobre as cicatrizes que carregamos sempre conosco. Até mesmo memórias como essa do pai parecem influenciar de alguma

maneira sua identidade, a forma como enxerga essas coisas simples.

Há algo de importante também sobre o modo como João acessa suas lembranças e aquilo que aprendeu com a vida a partir de seu contato com Bia. Jean-Yves e Tadié (1999, p. 123) expressam que “[...] o traço da memória não permanecerá fixo e idêntico: a evolução de nosso eu irá modificá-lo, como a visão de um barco por sobre o mar, que aparecerá de maneira diferente de acordo com a distância, a névoa, a luz, as correntes, a maré.”³ Ou seja, as memórias mudam de acordo com o que está sendo vivido pelo indivíduo, é como se ele enxergasse sua experiência passada de forma diferente a partir do que está a viver nesta hora. Então não é apenas o instante presente que recebe influências em sua percepção a partir dos momentos passados, mas também os momentos passados são influenciados pelo presente que se vivencia. O modo como João se recorda agora é necessariamente diferente de quando não havia Bia, de quando ele não precisava transmitir aquilo que sabe do mundo, de quando ele não precisava se deparar com a possibilidade da própria morte.

De acordo com Aleida Assmann (2011), no caso das recordações biográficas individuais, a memorização e o afeto estarão indissolúvelmente ligados. O indivíduo não consegue controlar com certeza a forma como suas lembranças serão afetadas. Porém, estas muitas vezes são estabilizadas a partir dos símbolos, mais ainda do que pelos afetos:

[...] o que é o afeto para as recordações da juventude é o símbolo para as recordações da velhice. [...] A recordação que ganha a força de símbolo é compreendida pelo trabalho interpretativo retrospectivo em face da própria história de vida. (ASSMANN, 2011, p. 275)

Muito da interpretação de João sobre os acontecimentos de sua vida – interpretação essa que será transmitida para a filha a partir de seus escritos – carrega esse caráter de símbolo. O afeto nunca deixa de estar presente, e é uma parte importante da forma como ele vê o mundo, mas esse segundo olhar, essa interpretação posterior, mune a experiência

3

Tradução minha. No original: “[...] la trace mnésique ne va pas demeurer fixe et identique: l'évolution de notre moi la modifie, comme la vision d'un bateau sur la mer qui apparaîtra différemment en fonction de la distance, de la brume, de la lumière, des courants, de la marée.”

de um caráter muito mais simbólico. De acordo com a autora, essa revisão do passado será bastante importante para o desenvolvimento de uma identidade pessoal, sendo que muitos significados para as coisas que ele nota, impregnado de afeto, serão dados ao longo da narrativa de sua vida.

Quando João fala sobre uma foto antiga de família, por exemplo, ele nota na foto elementos que simbolizam as lembranças que ele tem de cada membro familiar. Em suas recordações, seu pai, André, era um homem da fala, que gostava de usar bem das palavras e que ensinou isso ao filho. Assim, quando João olha a foto, ele a percebe a partir de suas lembranças: “[...] veja, Bia, nesta foto mesmo, os lábios dele estão levemente separados, como se tivesse dito algo segundos antes do flash espocar, um comentário que [...] havia guiado a foto, levando-a a ser o que ela era [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 43). A mesma coisa ele nota em relação à mãe, Luíza, que ele lembra como uma pessoa do tato, que sente sempre a necessidade e o gosto por tocar as pessoas: “[...] e a tua avó, Luiza, veja como está enlaçada à tua tia Marisa, um corpo a pedir a solidez do outro [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 43). Esta fotografia, a qual poderia ser vista apenas como mais uma lembrança, apenas como algo que incita ao afeto, para ele acaba tendo um caráter de símbolo para aquilo que sente, e lhe ajudando na narrativa que faz desse passado: “[...] esta foto revela cada um de nós, o teu avô André e as palavras, a tua avó Luiza e a sua ânsia pelo contato; o tempo todo, em qualquer gesto, estamos dizendo quem somos [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 43-44).

Assmann (2011, p. 276) sugere que

[...] enquanto um currículo se compõe de dados pessoais verificáveis objetivamente, uma história de vida está baseada em recordações interpretadas que se fundem em uma forma rememorável e narrável. Tal formação chamamos de sentido; ela é a espinha dorsal da identidade vivida. (ASSMANN, 2011, p. 276)

Não há nada objetivo sobre a narração de João, tanto é que muito pouco se sabe com efeito sobre os personagens para além de seus nomes (que quando ditos geralmente carregam uma carga de afeto), e não se vê outros fatos objetivamente verificáveis. Tudo

está no domínio da interpretação que é dada à vida e às coisas vividas a partir dessa narração de João, que expressa aspectos de sua identidade, bem como tenta mostrar pontos que possivelmente influirão na identidade da menina. Nada disso é memória crua, tudo passa pelas recriações. O próprio narrador parece perceber a importância das revisões do acontecido na formação da identidade, ao escrever para Bia: “[...] há o tempo de ver e o de rever (ao fim da trilha palmilhada), pela escrita da memória, os fatos que vão te tornar a Bia de amanhã [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 82)

Seixas (2001) também explora essas questões relativas a voltar ao passado e repensá-lo. A memória não é algo fixo, transita de acordo com as movências que ocorrem na vida presente.

A memória age “tecendo” fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos (tornando alguns mais densos em relação a outros), mais do que recuperando-os [...] a memória recria o real; nesse sentido, é a própria realidade que se forma na (e pela) memória.” (SEIXAS, 2001, p. 51).

João, ao refletir sobre as lembranças, entra nessa dimensão de reinterpretá-las, trata-se de uma recriação que sua escrita lhe permite, visto que “[...] aquilo que a vida nos dá não é o que nos determina, apenas o que nos inicia, o que nós mesmos nos damos, no empuxo de viver nossos instantes, é o que pode virar esse jogo [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 57). E esse repensar das experiências ao transmiti-las para Bia, é uma forma de ele mesmo dar-se algo para além do que a vida mesmo deu.

João em muitos momentos reflete sobre a própria natureza das lembranças. Para ele não basta revisitar, mas muitas vezes é preciso entender por que se revisita, por que se reconta e por que se recriam essas memórias. Suas reflexões caminham muito nessa direção e pensam, assim como expresso por muitos dos autores estudados, nessa anamnese como um segundo olhar, necessariamente diferente, para o que ocorreu – será um olhar que influi no passado e leva-o a influir no presente – será um olhar que joga com os tempos de ação:

[...] as lembranças são mesmo uma segunda via, tudo o que foi à primeira vista ganha outra configuração aos olhos da memória, como se buscássemos uma reparação, um ajuste mais pela nossa incapacidade de aceitar os fatos do que pela inconveniência da verdade, e, ao relembrarmos, tudo de novo se inicia, a máquina do mundo recomeça a girar freneticamente, Bia, e eu posso te ver nascer outra vez, posso ver outra vez o teu irmão Mateus nascer e crescer todos os anos até chegar à idade de hoje [...] (CARRASCOZA, 2017, p. 102)

Em sintonia com as ideias de Seixas e de Benjamin sobre os labores da memória, Ecleia Bosi observa que esta não opera seguindo uma ordem cronológica ou algum tipo de sucessão objetiva dos fatos. O passado não existe dessa forma, mas somente pelo modo livre como age a memória. Ela recolhe os fatos memorados, de momentos distintos, relacionando-os com algum tipo de significado comum. Os diversos eventos a serem rememorados geralmente se conectam a partir do que é necessário que se recorde nesse momento, como João expressa em sua fala: “[...] são mil madeleines que só servem à fome de minha memória, e vão recompondo a história rasurada que eu sou [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 105). As reminiscências do personagem recolhem de sua vida os fatos que se apontam como essenciais para serem colocados nessa escrita de ensinamentos. O que vive nesse momento, seus objetivos e motivações, influenciam aquilo que será lembrado no instante da escrita, que lições de sua experiência ele vai se interessar por passar.

Tudo aquilo que conta a Bia, o modo como se narra, a experiência anterior que já possui no instante em que pega o caderno para escrever, tudo isso absorveu muito de sua memória, mesmo que nem sempre esta se encontre expressa, mesmo que ele não diga em todas as linhas “isso é minha memória, essas lições sou eu”, tudo o que diz é a partir do passado que está contido dentro de si. Em tudo o que dizemos ou fazemos, mostramos aquilo que nos constitui. Mesmo que o personagem não expresse sempre, ali está, como nas ruas de uma cidade que contém em seu cenário suas memórias. Italo Calvino (1990), em um dos fragmentos de *As cidades invisíveis*, fala sobre a cidade de Zaíra algo que poderia ser aproximado ao que aqui se diz sobre João:

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das

recordações e se dilata. Uma descrição de Zaíra como é atualmente deveria conter todo o passado de Zaíra. Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras. (CALVINO, 1990, p. 14-15)

João não é uma cidade, mas assim como em Zaíra, nele seu passado está contido em cada detalhe. Algumas coisas ele narra, mas muito de suas experiências ele não conta objetivamente, pois o que importa é o quanto de memória estará naquilo que diz a Bia, nos conselhos que dá. João não conta seu passado, ele o contém como as linhas da mão, escrito nos detalhes de seu verbo, nos traços do caderno, nas linhas, naquilo que vai entre as linhas, nas vírgulas e na quase inexistência de pontos finais; ele deve conter também seu passado nas linhas de seu corpo, na pele que na leitura apenas se adivinha, porém onde, para quem lê, mais aparecem os “arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras” é na palavra que se faz presente.

2.3 ONDE SE RESGUARDAM AS LEMBRANÇAS

*Tudo foi breve
e definitivo.
Eis está gravado*

*não no ar, em mim,
que por minha vez
escrevo, dissipo*

(Carlos Drummond de Andrade)

João, em seu relato, mostra possuir uma maneira muito própria de guardar suas memórias e de se narrar. Aquilo que ele dá mais importância em termos de lembranças, e a maneira que escolhe para recolhê-las em si mesmo e selecioná-las são aspectos que aparecem em diversos momentos do texto. Há o cuidado de, para além de suas memórias passadas, transmitir a uma leitora tardia o que está a acontecer no momento, como uma maneira de eternizar aquele presente a partir da escrita. Porém, em relação a isso, é

importante pensar o que Assmann (2011) afirma sobre a relação entre a escrita e a recordação. Em primeiro lugar, a autora faz uma distinção entre a ideia de memória e a ideia de recordação, apresentando os dois aspectos não como opostos, mas complementares entre si, sendo a memória um plano mais geral, em relação a essa habilidade ou possibilidade de retomar os fatos, enquanto que a recordação é o próprio procedimento de seleção e evocação das lembranças. João e Bia, cada um guarda dentro de si uma memória, assim como ambos fazem parte de uma mais ampla memória familiar. Mas o que principalmente está sendo feito no caderno, a partir da escrita, é trazer recordações à tona, assim como lembranças serão evocadas por Bia no momento em que ela lê o caderno do pai.

Porém, de acordo com Assmann, por ser algo permanente, a escrita acaba por contrariar a própria estrutura descontínua do que são as recordações, pois

[...] não se pode recordar alguma coisa que esteja presente [...] é preciso que ela desapareça temporariamente e se deposite em outro lugar, de onde se possa resgatá-la. A recordação não pressupõe nem presença permanente nem ausência permanente, mas uma alternância de presenças e ausências. (ASSMANN, 2011, p. 166)

A autora apresenta a ideia de Platão de que a escrita nunca poderá assumir a função de recordação, sendo suas promessas ilusórias, visto que escrever não possibilita evocar nada para alguém que não viveu a recordação que está sendo escrita. Pode-se pensar o quanto essas ideias se aplicariam ao caderno de João, enquanto uma escrita que busca ser justamente esse *medium* para recordações. Primeiro, daria para dizer que a escrita não equivale à recordação em si, pois esta última corresponde àquilo que João relembra, em sua mente e em seu corpo, e que só então é escrito. A leitura de Bia entrará em contato com as lembranças conforme foram realizadas no momento, e então ela as unirá às suas próprias. As recordações dele evocarão as recordações dela. João não será nem presença nem ausência permanente, estará nesse vai e vem nos rastros do caderno.

Além disso, embora ele não possa fazê-la viver da forma como ele viveu o que está dizendo, o caderno serve como um modo de ensiná-la de uma maneira afetiva, evocar

uma recordação que não é necessariamente própria da menina, mas que faz parte dela de qualquer maneira. A escrita de João não parece estar munida desse caráter fixo e até mesmo falso que é o que Assmann apresenta muitas vezes a partir de suas leituras sobre a relação entre a escrita e a memória. As palavras do personagem parecem diferentes disso, pois não se trata de um registro de sua vida, não se trata de uma contagem objetiva de momentos, nem são somente reflexões dispersas a dizerem respeito apenas a uma vida. É algo que tem por objetivo ainda afetar. O tom dele não é de passado, mas de um presente fortíssimo. A escrita de João é afetiva nos moldes da recordação, não é uma escrita com caráter de armazenamento. Não é uma escrita a trazer lembranças do personagem meramente: são lembranças que fazem parte de Bia. E provavelmente a leitura do diário se tornaria uma recordação de grande potência para ela. O que João tenta fazer é justamente transmitir uma recordação, e não realizar o armazenamento duro de uma memória.

Seu relato não se restringe aos grandes acontecimentos, ele procura o detalhe, o ínfimo de cada cena, para mostrar à Bia as pequenas coisas desse momento. Seu nascimento, seus primeiros passos em direção à vida, tudo isso estará registrado em outros lugares também, aos quais ela poderá voltar-se quando desejar, mas o que está no relato de João, é só com ele que ela poderá conseguir, há um aspecto único nessas palavras porque só elas poderão evocar esses instantes, os detalhes que ele percebeu quando vivendo. Essa narração é uma maneira de transmitir impressões daquele instante para alguém que está ali, mas não vai se lembrar, e que não poderia sentir as coisas da mesma forma, assim como é uma maneira de trazer um pouco dessa herança do passado para as linhas da escritura.

“[...] Bia, o presente, valoroso, só vem à tona, se temos coragem de mergulhar na ninharia do instante.” (CARRASCOZA, 2017, p. 63). A atitude de João em seu relato muitas vezes é justamente capturar dos momentos o presente cheio de valor, é entrar naquilo que é considerado ninharia para daí extrair algo que valha a pena ser passado sobre a forma de memória. Trata-se de munir de afeto e símbolo, enxergar muito mais do que comumente seria visto nos instantes vividos. Em um dos fragmentos do caderno, o personagem elenca muitas das coisas que, tendo tempo, ele iria tentar ensinar para a filha (e que muitas vezes ele já busca passar uma noção a partir do escrito), e em um trecho

dessa parte ele expressa: “Eu ia te ensinar, Bia, por que, subitamente, a linguagem frutifica, vazando primavera por todos os poros, por que é mais digno se molhar no sangue do presente do que no pó dourado do passado [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 36). Isso importa porque, ao mesmo tempo em que ele está apresentando à menina essas memórias e falando daquilo que vem de herança do passado, isso não tem um objetivo de saudosismo nem nada do gênero. O que ele quer, mostrando esse presente, é escrever de uma forma que a ajude a viver no seu próprio momento, que a guie como ele não mais poderá. E ele também age sob esse ensinamento, pois mesmo as memórias que coloca no escrito têm sua razão de ser pela forma como influem naquele momento presente: o momento da ação.

João possui essa característica de enfatizar a experiência que está sendo vivida e tentar extrair o máximo dela, ver mesmo a poesia dos detalhes para posteriormente tentar passar essa impressão para sua filha. Essa é uma forma de algumas recordações que são fundamentais para si não se perderem em esquecimento. Isso o narrador mostra por exemplo no trecho:

[...] eu te miro em silêncio, que em mim abafa recordações, eu retiro de meu olhar tudo o que não é o teu pequeno corpo [...] eu viro a chave da impaciência dentro de mim, eu pinço esta cena do universo, como se pudesse extrair dele um fragmento só pro meu deleite. (CARRASZOZA, 2017, p. 61-62).

Nessa ocasião, ele procura abafar até mesmo recordações passadas – o que nunca ocorre plenamente, de acordo com as ideias de Bergson - para ser capaz de mergulhar toda sua atenção nesse momento e guardar essa imagem dentro de si. Assim ocorre com vários outros instantes: há uma tentativa lúcida de parar o movimento das coisas e somente focalizar em um ponto, naquele segundo, que se tornará uma lembrança de afeto.

A formação das lembranças é importante para o personagem. Ele reflete muito sobre o processo em que isso se dá. Ao mesmo tempo em que se deixa levar pelo afeto, ele também tem um olhar que percebe o modo como essas memórias familiares, tanto para ele como para Bia, vão se constituindo. Isso faz com que ele perceba a importância

de atentar para momentos pequenos e felizes, para instantes de paz, como quando ele descreve uma cena muito singela e bonita entre ele, Bia e Juliana, cena esta que possivelmente ganharia muito mais significado em termos de memória após a mãe ter se tornado também pessoa ausente:

[...] eu estou chegando do trabalho, cheio de sujeira em meus olhos (toda a beleza que não vi durante o dia) [...] e, mal abro a tramela do portão, te vejo, à luz ocre do entardecer, no colo de tua mãe [...] eis que eu me acerco, beijo uma e, depois, outra, e me sento em frente às duas, e aí ficamos a nos contemplar, mudos, o silêncio é tão forte que nos toma o corpo inteiro, e, assim, permanecemos, pra que o quadro se pinte por si mesmo, formando, finalmente, a santíssima finitude, nós três ali, tornando-se, aos poucos, uns para os outros, lembranças. (CARRASCOZA, 2017, p. 105-106)

Nessa passagem, percebe-se a importância dada aos detalhes que compõem essa cena de lembrança, o valor dado a momentos singelos como esse, que é descrito muito mais do que o nascimento ou qualquer passo mais importante no desenvolvimento de Bia. Também é possível perceber uma consciência muito grande da efemeridade das coisas, que é justamente algo que lhe faz se importar mais com cada um desses atos. E também não deixa de ser uma reflexão sobre o caráter das lembranças – em especial, nesse caso, as lembranças que temos daqueles que se ausentaram – e o processo de um momento presente já ser uma lembrança passada no segundo em que for posto no papel, cada vez mais ganhando o caráter de recordação conforme o pensamento para ele se volta.

O modo como João registra essas memórias, tanto como forma de guardá-las para si quanto para transmiti-las para a filha, está muito relacionado com a escrita, que é um modo de resgatar aquilo que passou, mas com mais reflexões, podendo ter outras interpretações sobre o fato. Dessa maneira, é uma representação um pouco mais pensada do que aquela realizada por mídias que capturam de maneira imediata a memória. Pela palavra, aquilo passa por um trabalho de elaboração que é importante para que João consiga transmitir essa sua experiência. Mesmo assim, passando por toda uma reinterpretação da memória, o caráter afetivo nunca se perde, e é como se as memórias estivessem sendo revividas quando escritas, ao passo que possuem o intuito de serem

revividas também quando lidas pela menina. Esse jeito de lidar com as memórias em alguns momentos estará se contrapondo ou então se completando pelo uso de outras mídias de memória, em um processo que vai criando fontes de afetos e símbolos.

O que João faz em seu caderno aproxima-se do que Phillipe Artières (1998, p. 10) chama de “arquivar a própria vida”. Segundo o autor, “passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros”. A escrita que João dedica a Bia busca colocar no papel e transmitir a sua interlocutora uma imagem da pessoa que é, do que sente, do que aprendeu, para que isso se traduza em presença. Segundo Artières, nós não registramos cada coisa, nós manipulamos de certa forma a existência, sublinhando, rasurando, enfocando aquilo que interessa, o que é um processo natural. Os episódios de uma vida são escolhidos e ordenados, e “a escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas.” (ARTIÈRES, 1998, p. 11) então a seleção que João faz tem muito a ver com o significado que quer passar com suas palavras para Bia, os motivos da escrita.

“Filha, acabas de nascer, mal eu te peguei no colo, e pronto, *já chega*, disse a enfermeira, e te recolheu de mim, foi apenas para gravarmos uma cena, agora os pais assistem ao parto, e tudo é filmado [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 9). Essa é a primeira frase do romance, que se inicia ao mesmo passo em que a vida de Bia é iniciada. Esse é o primeiro registro, a primeira lembrança a ser evocada, e é fundamental, considerando que é isso que operará uma mudança na vida de João e que tornará a escrita do caderno um projeto real. Temos uma lembrança a ser recordada pelo escrito, de forma que consegue ser muito mais pensada que uma foto ou um vídeo, havendo muito mais reflexões. Mas no momento em que essa lembrança está sendo dita, João está falando também sobre a outra forma arranjada para manter essa mesma recordação: uma filmagem. A filmagem do parto possui algo de mais instantâneo e menos autêntico, considerando que, ao contrário da escrita onde pode ser quem é, nessa filmagem segue-se um certo protocolo padrão do que fazer. Porém, mesmo que as características de uma filmagem de parto se diferenciem muito dessa escrita pós-parto, ambos os meios possuem um objetivo parecido: “[...] eu também só concordei com a filmagem [...] pra que te vejas, no futuro,

junto a mim, eu te recebendo nesta hora primeira, dando-te as boas vindas [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 10). Há uma necessidade de, para a Bia futura, mostrar a presença que teve nesses momentos primeiros, imbuir-lhe as memórias que para ela estariam perdidas pelo esquecimento. O primeiro contato de João com Bia já se encontra embebido na necessidade de se tornar lembrança.

Durante esse tempo inicial da vida de Bia, parece haver dois tipos de registro principais: o caderno escrito por João, e o “livro do bebê”, mantido por Juliana. Sobre este, ele fala em um dos primeiros momentos de sua escrita, e é interessante notar os contrastes entre um tipo de escritura e o outro. No livro do bebê “[...] se registram o primeiro banho, a primeira palavra, o primeiro dentinho, e tudo o mais ao longo de um ano [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 15), e esse espaço é dito por João como o “[...] registro de tuas iniciações [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 16). O caderno de João também acaba durante o período de um ano, englobando esses primeiros momentos de vida, porém os dois fazem isso de maneira diferente.

O livro do bebê também é uma maneira de arquivar a vida, assim como a partir de diários ou de fotografias. No caso, é um outro indivíduo que terá sua vida arquivada e começará a construir sua própria identidade. Sobre isso, Artières enuncia:

A moda atual dos álbuns de bebê é uma ilustração disso. Os pais registram aí, nos locais indicados, as datas dos primeiros dentes, dos primeiros passos, as primeiras palavras do pimpolho. Também colam fotos, dos avós, do batizado etc. Em suma, mal nascemos, somos postos por escrito. Aí também a função é a mesma, inscrever o recém-nascido numa normalidade, garantir-lhe uma identidade. (ARTIÈRES, 1998, p. 8)

Tanto o livro quanto o caderno demonstram a preocupação com a presença dessa que acaba de nascer, e ambos possuem o objetivo de, de alguma maneira, ir ajudando a construir essa identidade, a inscrevê-la. Esse caderno de notas com informações sobre o bebê, mantido pela mãe, é um registro claro e ordenado, com um objetivo definido e com um foco maior em Bia, escrito com a caligrafia bonita de Juliana e feito para ser mostrado para cada um que se interesse pela criança. O caderno de João é desordenado e

fragmentário, muitas vezes sem ter a clareza de um objetivo específico. Apesar de ser um caderno para Bia, não está necessariamente focalizando apenas a menina, mas muitas vezes o próprio João, que traz suas memórias e reflexões, em uma mistura de assuntos postos no papel a partir de sua caligrafia difícil (como dito pelo próprio narrador). Também, enquanto o caderno de João mantém Bia como interlocutora, o livro de Juliana tem Bia especialmente como o assunto; um enfoca as memórias imediatas que estão a se criar, o outro traz muitas memórias e lembranças anteriores como também uma parte de contar essa história. São duas maneiras de gravar no papel as lembranças, cada um escolhendo a forma como se sentem mais à vontade para narrar.

Para João, outro registro importante do rememorado, que, embora não tenham nele seu autor, influem em suas narrações, são as fotografias de família. Não há no personagem nenhuma ânsia por produzir novas fotografias, e até, em alguns momentos, parece haver uma crítica ao desespero de gravar tudo nas lentes da câmera. Porém aquelas fotografias que existem, e que ele guarda consigo, mesmo que desordenadas, são muito importantes para que evoquem a história que a partir da escrita, que a partir mesmo de seu corpo, ele está sempre a contar:

[...] eu não sou de cultivar imagens, mas eis aqui, nesta caixa de papelão, umas fotografias –as da família de tua mãe, veja a diferença, estão em pequenos álbuns, organizadas por data, com legendas e comentários –, e também há uns vídeos, poucos, sim, eu nunca fui de arquivar momentos em estantes, estão todos aqui, na memória, à espera do imprevisível para retornarem [...] (CARRASCOZA, 2017, p. 39)

Assmann afirma que aquilo que as imagens transmitem não é claro como nos textos, mas é uma tradição mais obscura e encriptada, elas podem “fechar-se em si ou ser mais eloquentes que qualquer texto”. (ASSMANN, 2011, p. 237). As imagens estariam mais distantes do entendimento e mais próximas da força da memória em si. A autora fala que Barthes (apud ASSMANN, 2011, p. 238) se refere às fotografias como “ressurreição dos mortos”, e é como se as imagens pudessem comprovar a existência de um determinado passado.

Nota-se que a ligação que João possui com suas fotografias é diferente do que seria

a relação com um mero registro de vida. O que vale nas fotos não é sua existência em si, mas a possibilidade de a memória de João construir uma narração e construir sua história com base nelas. A própria organização solta das imagens parece traduzir algo de menos pensado e de menos voluntário. Seu desejo não é de uma organização da memória por imagens, mas de uma evocação do passado a partir dessas imagens, e nesse sentido elas acabam sendo muito eloquentes. É isso que faz quando narra o que está a acontecer em cada uma e aproveita isso para explicar um pouco de cada pessoa que compõe essas fotos. A partir do texto, ele aproxima a força de memória característica das imagens ao entendimento proporcionado pela palavra.

Artières também aborda em seu ensaio a questão das fotografias de família:

Em toda família, existe com efeito o hábito de dedicar regularmente longas tardes a reunir e a organizar as fotos relacionadas com a vida de cada um dos seus membros. [...] O essencial é que em alguns minutos, uma hora no máximo, possamos justificar o tempo passado e a sua coerência. [...] No álbum, fazemos figurarem também os nossos antepassados; aí também trata-se de comprovar que pertencemos a uma linhagem, que temos raízes. (ARTIÈRES, 1998, p. 14)

Nas palavras de João, percebe-se muito presente uma tentativa de dar coerência, de articular uma narração para as fotografias de família. E é ainda mais do que isso: por sua escrita e por sua fala, pela evocação enfim, há uma espécie de ressurreição dessas pessoas que estão perdidas nas fotografias, assim como se mostra no conselho que ele dá à filha: “[...] eis aí, Bia, os teus-meus parentes, eles estão nesta caixa, embaralhados em imagens de papel, pra que tu lhes dêes outra vez um rosto, se, um dia, quiseres a eles conceder a ressurreição.” (CARRASCOZA, 2017, p. 48). É isso que ele faz quando retira cada fotografia da caixa e as narra para a menina, é isso que ele espera que ela faça um dia com esses parentes e consigo mesmo: dar à luz aos mortos a partir da voz que os enuncia.

3 HERANÇAS DE SANGUE, HERANÇAS DE VERBO: AS MEMÓRIAS PARA BIA

3.1 LEGADOS EM CORPO E NOME

*Se falo
É por aqueles mortos
Que dia a dia
Em mim se ressuscitam*
(Hilda Hilst)

*“Do lado esquerdo carrego meus mortos
Por isso caminho um pouco de banda”*
(Carlos Drummond de Andrade)

Bia. Dela só se sabem as lições e as suposições sobre seu futuro. O segundo livro trará Bia após muitas das ramificações provocadas pelas vivências, ao passo que ela vai se tornando quem é, em um processo que nunca tem fim. Mas essa análise se centra no primeiro livro, vendo-o como um todo, e parando onde ele tem seu ponto final. Seria acaso possível atravessá-lo com outra leitura, como se jogando em sua análise um futuro que não lhe pertence? A Bia deste livro está no eterno presente de zero a um ano de idade, e o que há de futuro é aquilo que o pai projeta em tudo o que lhe ensina. Bia é, depois daquele que narra, a principal personagem do livro, aquela para quem todo o relato se dirige, porém dela não se sabe. Bia é somente um nome, um futuro e uma herança. Por acaso Bia é? O mistério de sua identidade não se faz apenas por se tratar de uma obra literária a represar aquilo que enquanto leitores deveremos saber ou não sobre tal personagem. Com João pode ser esse o caso, mas, em se tratando de Bia, a lógica está dentro do desenvolvimento da história, é o desconhecimento, até mesmo para o pai, pois enquanto criança no início da formação da identidade, ela é feita de futuros, daquilo que irá saber e fazer, dessa eterna incerteza sobre o que virá.

Porém, se Bia fosse apenas o futuro de Bia, tudo que haveria seria a narração de

João, as memórias de João, sua experiência, tentando transmitir algo que passasse pelo tempo e fosse desembocar em algum instante da menina que virá. Muito do livro é isso, mas não é o único olhar. Bia não é feita apenas das incertezas do futuro, ela também é feita de passado. Não apenas do seu próprio passado, por ora tão curto, mas por aquilo que a antecedeu: o nome que lhe foi dado, os pais que possui, toda a história de sua família. João expressa muito essas questões ao longo do livro pois já desde essa idade, desde sua entrada no mundo, Bia – assim como qualquer outra criança – carrega os pesos e os presentes de tudo aquilo que lhe antecedeu. Ela é feita de passados e de histórias, bem como do futuro que vai se construir aos poucos.

Bia é formada pelas heranças que involuntariamente são parte de si, e também por heranças que foram voluntariamente conferidas a ela, sendo o caderno uma dessas, pois, mesmo que não se saiba o que acontecerá com esses escritos, marca-se no início de Bia uma herança de palavras. E é por causa dessas transmissões, que terão a função de ajudar a construir a identidade dessa personagem que ainda não conhecemos, que se crê importante dedicar um capítulo para as heranças de Bia. É claro que esse capítulo não prescinde da presença e das palavras de João, ele está por tudo, considerando que é a partir do verbo dele que o texto se organiza, mas o ponto central aqui é o modo como essas diversas heranças vão sendo transmitidas para a menina que está se criando.⁴

Há um tipo de herança, que neste estudo foi denominada involuntária, considerando-a como aquilo que já está conosco desde o nascimento e não é uma escolha consciente, não sendo uma obra necessariamente da vontade, nem de quem transmite nem de quem recebe. Este tipo de transmissão é focado em diversos momentos a partir da narração de João, pois, segundo o narrador: “O passado inunda, o passado nasce riacho e se engrossa na garganta de mares incontornáveis, a ensopar uma vida nova que, no entanto, já carrega em seu bojo velhas narrativas [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 92). Logo, aquilo que passou estará presente mesmo em quem acabou de nascer. Todos nascem dentro de alguma história, querendo ou não. A história que se carrega consigo é

4

Inclusive expressei aqui um medo de por vezes parecer que divago para além do texto escrito e analiso enquanto pessoa uma personagem que ainda não se criou, mas o objetivo com isso é pensar em como essa vivência pode se constituir a partir das transmissões ditas por João ou realizadas a partir de sua narração.

essa herança, que ajudará a construir a identidade pessoal. As “velhas narrativas”, vividas por tantas outras pessoas que nos antecederam, são um pedaço daquilo que somos. Carregamos conosco nossas doses de passado.

Michael Pollak (1992) afirma que a memória não é simplesmente algo individual, mas também é construída coletiva e socialmente, podendo sofrer mudanças e flutuações. Segundo o autor, os elementos constitutivos da memória são, em primeiro lugar, os acontecimentos que vivemos de fato e, em segundo lugar, os acontecimentos que não aconteceram conosco, mas que vivemos “por tabela”, por fazerem parte da história daquela coletividade a qual nós pertencemos. “São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não.” (POLLAK, 1992, p. 201). Muitas vezes há lugares ou pessoas que não estiveram presentes nos momentos de vida do indivíduo, mas que são lembrados como se pertencessem. Pollak evidencia em especial a coletividade em um aspecto político, uma coletividade social, como um grupo mais amplo. Porém, a família também é um coletivo com o qual ocorrem fenômenos de ordem parecida. São eventos que não estão localizados no espaço-tempo de vida do indivíduo, mas há uma projeção desse passado, “[...] tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada.” (POLLAK, 1992, p. 201) Esse é o tipo de memória que é expresso como já fazendo parte de Bia desde que ela nasce, pois sobre ela estão projetadas muitas das histórias que a antecederam. Vista sob a luz de Pollak, a memória não se refere apenas à vida individual da pessoa, à sua existência física; muitas vezes, o momento vai determinar as outras memórias que invadirão esta particular.

Da mesma maneira como, de acordo com Assmann (2011, p. 146), as épocas e culturas se sobrepõem e se esquecem, mas sobre a forma de memória “elas se depositam umas sobre as outras em camadas e podem ser novamente reunidas e associadas entre si como reminiscências”, também com essa memória familiar isso acontece. Mesmo que as pessoas findem e muitas vezes se transformem em esquecimento para aquele que ficou, ou simplesmente não sejam evocadas com frequência, elas estão ali, suas presenças se acumulando, fazendo-se em camadas que compõem a história desse indivíduo, sempre podendo ser reunidas outras vezes, associadas, evocadas, como parte de uma herança de memórias.

João expressa para a filha essa sua percepção sobre as vidas que lhe antecederam, e que agora farão parte da menina, até porque sabe, e quer deixar claro em seus escritos, que sua própria vida e memória também serão herdadas de alguma maneira por Bia, também farão parte dela. Quando ele tira da caixa as fotos de família, muitas de suas reflexões seguem essa linha. Ele não está mostrando para Bia algo que permanece no passado: aquilo que lhe apresenta são histórias que ela já guarda dentro dela, mesmo que ainda não tenha consciência disso. Tudo isso se relaciona com a memória familiar, pois a família é um grupo no qual ela se insere desde que nasce, e que de alguma forma virá a influenciar quem ela é e aquilo que ela traz para o mundo. Muito dessa herança se refere a um tipo de identidade familiar, que engloba quem eles são ali naquele momento, mas também muitos que vieram antes deles e que ajudaram a formar aquele núcleo. Sobre a memória e a identidade familiar, Joël Candau escreve:

A reminiscência comum e a repetição de certos rituais (refeições, festas familiares), a conservação coletiva de saberes, de referenciais, de recordações familiares e de emblemas (fotografias, lugares, objetos, papéis de família, odores, canções, receitas de cozinha, patronímia e nomes próprios), bem como a responsabilidade pela transmissão das heranças materiais e imateriais, são dimensões essenciais do sentimento de pertencimento e dos laços familiares, fazendo com que os membros da parentela queiram considerar-se como *uma* família. (CANDAUI, 2012, p. 140)

Bia já chega ao mundo munida de muitos dos emblemas que poderão lhe garantir essa identidade, há a iminência de um pertencimento (pertencimento que, em muitos outros casos, não se completa por uma série de motivos, vale dizer, visto que identidade familiar nem sempre é uma ideia fácil na prática). Há toda uma história que lhe antecede. Bia já nasce fazendo parte de tudo isso, de toda essa dimensão de grupo, e assumindo em si heranças dessa memória. Transmissões, cicatrizes. A partir das fotografias, um dos importantes emblemas dessa identidade familiar, João lhe apresenta parentes com quem ela nunca poderá conviver, mas que, segundo ele, precisam ser apresentados porque “[...] haverá, certamente, algo de um e de outro na cor de teus cabelos, no teu jeito de sentir a pele das horas, na constituição de tuas glândulas e no enredo de teus sonhos [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 38-39). Essa é a definição da herança familiar, que se carrega

nos traços, no imaginário, em uma memória muitas vezes até inconsciente, visto que na caixa de imagens “jaz um tanto do que [ela é] e outro tanto do que [será].” (CARRASCOZA, 2017, p. 40). Sobre essas vidas que já fazem parte da história de Bia, ele diz:

[...] todas essas vidas, Bia, vindas de outras, igualmente precárias, e que um dia pareceram plenas, há pouco ou há muito partidas, deixaram uma marca, quase invisível, no livro dos destinos, marca que o tempo haverá de derreter com seu ácido; essas vidas todas, te agrade ou não, correm, desordenadas, dentro de ti, Bia, não há como secar em nós o licor da história familiar e, há ainda, filha, o que se soma ao teu particular, a carga de toda criatura, humana e mortal, com as suas infinitas impossibilidades a influir em cada um de teus passos [...] (CARRASCOZA, 2017, p. 95-96)

Essas vidas anteriores, bem como as vidas que correm simultaneamente à sua própria, vão influir naquilo que Bia é e naquilo que será. Essa talvez seja a maneira de o pai demonstrar que, não importa o que venha a acontecer a partir dali, a menina nunca estará de todo sozinha. Ele é uma dessas vidas a correr dentro dela, assim como todos os parentes que agora são ausência, mas que se fazem presença em cada vida nova que se cria na família, a qual segue com sua história, mas sempre acrescentada de novas narrativas para a memória de seu coletivo. É como se houvesse uma influência dupla, duas faces da mesma relação. Ao mesmo tempo em que a menina recebe de herança essa memória, que influi em quem ela é, ela também tem o poder de movimentá-la, de dar uma nova vida para todos esses que fazem parte de si.

É com base nisso que João dá a ela o conselho de ver todas as coisas duas vezes, uma por nós e outra pelos mortos que guardamos dentro de nós, como uma forma de dar uma espécie de outra vida para estes, de fazê-los também recordar a partir de si: “[...] e tanto é assim que vejo [...] lentamente, enquanto sinto que também sou visto pelas mil retinas do meu entorno, e o mesmo eu recomendo pra ti [...] que tente ver duas vezes, por ti e por nós (os já partidos e os que estão a caminho) [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 108-109). Essa seria uma forma de inverter também o caminho das heranças, de doar a esses que não mais se encontram uma segunda vida, sendo também uma maneira de João

incentivá-la a perceber o mundo de uma maneira diferente, a ver tudo com os olhos de quem sabe que existe a ausência e que existe a morte, e justamente por isso procura transmitir – e é importante que Bia também transmita, para além de tudo que já legam a ela – a vida, as impressões que tem. É como se esse olhar, e não apenas o olhar, mas o uso de todos os sentidos, fosse uma forma de ampliar a existência daqueles que guardamos, dar a eles como sua herança reversa o sopro de vida que um dia nos permitiram. Talvez seja a melhor forma de conviver com os espólios inevitáveis do passado.

A própria ausência é uma dessas heranças que farão parte da vida. Bia precisará conviver com o peso de todos que fizeram parte de sua história, mas que deixaram de estar presentes. Todos eles vão se transformar em silêncios fisicamente, mas a gritar de tempos em tempos em sua memória. Os mortos transmitem legados a partir das lembranças e das marcas que deixaram no indivíduo, mas também a partir de suas próprias ausências: uma herança de não estar, e do que se faz a partir desse deixar de ser. Farão parte da menina as futuras ausências, em especial do pai e da mãe, e isso de alguma maneira a constituirá. O caderno de João, além de ser em si algo a ser herdado por ela, é uma maneira que ele encontra de ajudar Bia a lidar com essa herança de ausências, que será composta por muitos, mas em especial pela ausência daquele mesmo que escreve. João também tem seus mortos, ele tem o conhecimento de como essa falta se inscreve no indivíduo e como a memória lida com isso, e essa consciência lhe ajuda a saber como escrever para a filha: “[...] por sorte, Bia, não nos lembramos de nossos mortos todos os dias, não suportamos senão raramente esse milagre ao contrário, esse ver, outra vez, o lampejo do que antes foi um fulgor, não o eterno retorno, mas a eterna partida, e cada um sempre a seu tempo, as inevitáveis despedidas [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 107-108). Nisso, ele fala de si mesmo, mas ao mesmo tempo também fala daquilo que ela ainda viverá, lembranças pelas quais precisa passar. Essa herança tem o lado da presença a partir da memória, mas o lado do luto pela ausência: a eterna partida e as saudades.

Candau fala sobre a questão das perdas e do medo daquilo que se faz ausência – medo este que se encontra cada vez mais forte. Há atualmente uma vontade de abraçar o passado, de não deixar nada se perder. Em face da fragmentação da narrativa, há uma tentativa de conservar, e de fixar esse passado de alguma maneira. Muitas vezes petrifica-

se o pretérito para tentar sobreviver aos extravios. Segundo o autor:

A perda é um dado antropológico universal: desde o nascimento, irremediavelmente e sem esperança de domesticá-la, todo ser humano faz dela sua companhia obrigatória, abandonando sucessivamente a juventude, a saúde, os amigos, os pais, os amores, as ilusões e ambições, antes de perder-se a si próprio. A maneira pela qual os grupos e indivíduos fazem frente à perda nos informa sempre sobre o jogo da memória e da identidade no interior da sociedade considerada, em particular quando se trata de heranças do passado. (CANDAU, 2012, p. 189)

A perda é algo natural. Aqui não se refere exclusivamente àquela de outras pessoas em nossa vida, mas a uma perda no sentido geral, sobre tudo aquilo que virou ou irá virar passado. Porém, a morte ainda constitui uma das faltas que mais assombram, e lidar com esse tipo de ausência está relacionado a lidar com as heranças que o tempo vai nos legando. O trecho de Candau mostra essa condição como algo natural ao homem, variando apenas o modo como isso será encarado. A escrita de João parece não se tratar de uma tentativa de fixar ou petrificar um passado. Pelo contrário, parece haver uma valorização do ciclo natural dessas memórias. O que ele faz é mostrar para a filha tudo aquilo que já faz parte dela: aquilo que carrega em forma de perdas e de presença.

O que permite a sobrevivência em face das perdas é o lado duplo dessa herança: a presença que sempre com ela permanece. Estará nas memórias, nos traços, no corpo, na pele, no sangue, no nome, em tudo que não escolhe necessariamente, mas que carrega consigo, trazendo junto toda a história que a constitui. É cada toque, cada sensação, que lhe integram mesmo que não note conscientemente:

[...] e, ainda que não sinta com intensidade o meu toque, ou que dele te esqueças, porque este momento já se afoga nas águas do vivido, tu, meses à frente (quem sabe anos), de olhos fechados, como agora em que dormes no teu berço, sentindo o meu dedo deslizar pela tua face, serás capaz de dizer –a tua pele a recordará –, este é o meu pai.” (CARRASCOZA, 2017, p. 80).

3.2 LEGADO EM LETRAS E TRAÇOS

*Vive! – clamam os que se foram,
ou cedo ou irrealizados.
Vive por nós! – murmuram suplicantes
(Cecilia Meireles)*

Há uma presença que se inscreve na vida de Bia sem necessidade de subterfúgios e interferências. É o que está com ela desde o princípio. Em sua pele, em seu nome, em sua história, na memória dos entes perdidos: tudo continua ali presente de alguma forma. Essa é sua herança natural, aquela que se ganha de maneira involuntária e com a qual se aprende a conviver. Mas há outras heranças, que são escolhidas e entregues com plena vontade e consciência daquele que as legou. Como uma exemplificação dessas heranças e até mesmo uma metáfora para aquilo que João está legando à Bia, pode-se pensar naquilo que o próprio personagem herdou, não no que já traz no sangue, mas no que recebeu pela vontade dos antepassados. Em um momento de sua narração, João fala sobre um relógio que pertencia a seu avô, e que foi passando de geração em geração:

E foi que hoje, revirando o armário à procura de um documento, dei, inesperadamente, entre as lembranças que povoam as gavetas, com um pertence de teu bisavô João, o relógio de bolso que ele usou a vida inteira e legou ao meu pai, e o meu pai a mim, dizendo um dia, toma, é seu, por obrigação e por justiça, e eu, eu sabia que, sob a égide daquele tique-taque, o tempo rugia, movendo, como o vento no temporal, os galhos todos de nossa árvore genealógica, e, mesmo quando deixou de ir colado ao meu corpo, continuava a marcar não só as horas mortas, mas também os nossos vívidos mandamentos [...] (CARRASCOZA, 2017, p. 69-70)

Esse trecho é importante por mostrar uma herança que é recebida por ele e que carrega todo um símbolo familiar, especialmente por ser algo que vai sendo transmitido de um para outro membro da família. O relógio é um símbolo para toda uma gama de memórias que são revisitadas no momento em que o objeto é encontrado por acaso. Além disso, ele é a segunda herança que João recebe do avô, sendo a primeira o seu próprio nome, que é como uma perpétua volta a essas origens familiares (e que depois será o

nome do seu neto, continuando com a tradição). O caderno, para Bia, ocupa o lugar desse relógio. O caderno é a sua herança familiar, o qual, embora não seja um artefato que venha de outros membros da família, embora apenas ela tenha-o recebido, traz mesmo assim em si, através do verbo, muito daquilo que sua família representa. Dessa forma, mesmo que não tenha passado pelos avós ou antepassados distantes, muito deles está nos traços e palavras, a conversar com o tanto deles que estará dentro dela.

Nessa herança, João coloca muito de quem é e de suas próprias experiências, as quais terão um diferente significado sobre o olhar dessa leitora, e poderão lhe trazer algo de válido. Mikhail Bakhtin (2011, p. 141), ao falar sobre a autobiografia, exprime que na contemplação da própria vida está muito da “antecipação da recordação dessa vida pelos outros, pelos descendentes, simplesmente pelos meus familiares, pelas pessoas íntimas”. Nesse tipo de narrativa, haverá uma preocupação com esse olhar do outro, o que influirá em como a organização da própria vida e das recordações serão presididas. João, ao narrar aspectos de sua biografia e do que está a ocorrer naquele momento, tem uma preocupação com as ideias que serão passadas àquela que o lê. Ele contempla sua própria vida buscando antecipar os olhos jovens de Bia na leitura das coisas que escreve. João cria esse caderno como um testamento que deixará para Bia. Nele coloca muito de si, para que ela guarde consigo mesma sua presença, nele coloca muito daquilo que está a acontecer no momento, para que Bia possa visitar memórias de um tempo que lhe seria imemorable. Nele coloca muito do que ela é, a partir dessas memórias que não são dela enquanto indivíduo, mas que fazem parte de si mesmo assim, para que nelas ela possa se identificar, para que ela possa entender um pouco mais e ter uma direção na forma como sua identidade se delinea. João conta a Bia uma história que é dele, dela, da mãe dela, e de todas essas pessoas que lhes antecederam, e tudo isso é uma herança que talvez ajude a menina a entender as heranças que já traz em si.

De acordo com Candau (2012, p. 71), o ato de poder contar essa história da identidade e fazer uma narrativa a partir da reconstrução do passado tem a ver com a aptidão humana para, ao pensar o próprio passado, “[...] inventariar não o vivido [...] mas o que fica do vivido”. Como herança para Bia, João não quer falar necessariamente sobre aquilo que viveu, mas sobre aquilo que restou após as vivências, os ensinamentos que foi adquirindo com base nas experiências. É isso que ele deseja que seja legado, é dessa

maneira que ele quer permanecer. A memória é como uma arte da narração, e o ato de recordar se relaciona muito com uma domesticação do passado. Sobre esse modo de se narrar, Candau expressa:

O narrador parece colocar em ordem e tornar coerente os acontecimentos de sua vida que julga significativos no momento mesmo da narrativa: restituições, ajustes, invenções, modificações, simplificações, “sublimações”, esquematizações, esquecimentos, censuras, resistências, não ditos, recusas, “vida sonhada”, ancoragens, interpretações e reinterpretações constituem a trama desse ato de memória que é sempre uma excelente ilustração das estratégias identitárias que operam em toda narrativa. (CANDAU, 2012, p. 71)

Mesmo o objetivo do caderno não sendo especificamente narrar a própria vida, muito daquilo que João é se coloca no papel sob a forma de memórias transmitidas e de ensinamentos para a filha. Dessa forma, nos muitos momentos em que sua própria memória está sendo disposta mais explicitamente no escrito, esses recursos são visíveis. Há uma seleção do que é dito, e há um modo como tudo é dito, e isso se relaciona com fazer uma narrativa coerente dessa sua vivência, que ele deseja tanto que possa fazer parte da menina. Isso é a forma que escolhe para lhe transmitir uma herança que se constitui pela história deles.

Em um momento ele se refere à sua própria narrativa como se estivesse a contar à filha uma história, a sua primeira história, mas sem princesas, bruxas ou elementos da fantasia com os quais muitos dos causos são criados: “[...] eu só sei mexer com a tinta fresca da verdade, eu só posso começar assim, filha, era uma vez um homem, era uma vez uma mulher, era uma vez teus pais [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 58). Sua narrativa para a filha, a herança que procura lhe deixar, é essa história real do que está a acontecer naquele momento. Ele quer transmitir a ela o que sente, o que aprendeu, fazê-la mergulhar naquele momento de uma outra maneira. O que diz possivelmente demoraria para ser entendido por inteiro, mas mesmo esse tempo da espera faz do caderno aquilo que ele é. Há um tempo de germinar, até que seja possível compreender aquilo que ele lhe traz, até que esse escrito possa fazer parte da história de Bia:

[...] quero continuar, Bia, a contar esta história pra ti; vais demorar anos pra entender o que eu te digo, terás de passar por milhares de dias e tuas células terão de se reproduzir incontáveis vezes, mas, já que estás aqui, no meu colo, fiquemos em silêncio, embalados pela paz deste momento, alheios à (invisível, mas não despercebida) brutalidade do fim. (CARRASCOZA, 2017, p. 53-54)

Essa cena é interessante visto que ela une quase que em um mesmo espaço a Bia do passado e a Bia do futuro. A menina futura é a interlocutora, é aquela que está lendo o que ocorre no momento da escrita. Já se prevê que ela demore algum tempo para entender as lições do pai, que precise deixar com que esses ensinamentos germinem enquanto ela cresce e passa a compreender melhor. E, ao mesmo tempo, essa Bia que o lerá consegue acompanhar os movimentos do pai com uma Bia do passado, a Bia bebê que se pereniza no colo de João, fixada pela narrativa em um momento pretérito no qual, embora haja uma paz e uma tranquilidade, não permite que se esqueça de todo o futuro peso da ausência, lembrado pela escrita do pai. Essa futura ausência é parte da herança, e um pouco de seu motivo, é por ela que o caderno existe, por ela que João sente essa necessidade forte de escrever para uma outra Bia, a que ainda não se formou.

Gagnebin (2006) fala sobre a forte relação entre a memória, a escrita e a morte. A ideia da efemeridade e a tentativa de restar para além da morte física são motivos que levam à escrita. Mesmo que não seja tão imortalizadora quanto os antigos gostariam de acreditar, ainda é uma maneira de permanecer um tempo a mais depois do último respiro. A palavra grega *sèma* significa ao mesmo tempo “túmulo” e “signo”. Assim como um túmulo, as palavras são também uma forma de realizar o trabalho de memória contra o esquecimento posterior à morte. No escrito, João procura fazer isso em relação a sua existência, colocando-se presente, assim como procura dar um sopro de vida para o que passou, evitar o desaparecimento completo daqueles que lhe antecederam, de seus próprios mortos. Seu objetivo não é a fixidez ou a imortalidade; é apenas que possa haver um diálogo com esse futuro específico onde não poderá estar: o futuro de Bia. A morte assombra a escrita do personagem desde o início, sendo também a sua motivação para pôr-se em palavras, como se criasse para si um túmulo de verbo. O motivo pelo qual deixa essa narrativa para a menina é que “[...] não há como esconder a morte ante a estreia de uma vida” (CARRASCOZA, 2017, p. 14). É por isso que ele já a recebe

com um vocabulário lotado em ausências. Ele tem consciência dessa herança de faltas que deixará para Bia, então precisa, nessa outra herança, fazer frente a essas faltas, não as ignorar, mas incorporá-las ao que deseja dizer. Não fingir que não existem, mas trazer para o miolo de seu escrito o essencial de tudo o que sente precisar dizer antes de partir.

Sobre essa consciência em relação à morte, presente na escrita de João, parece se aplicar um pouco daquilo que Gagnebin diz sobre a escrita de Marcel Proust:

Trata-se, no fundo, de lutar contra o tempo e contra a morte através da escrita – luta que só é possível se morte e tempo forem reconhecidos, e ditos, em toda a sua força de esquecimento, em todo o seu poder de aniquilamento que ameaça o próprio empreendimento do lembrar e do escrever. (GAGNEBIN, 2006, p. 146)

Essa forte certeza do que vai acontecer está presente, às vezes implícita, às vezes explicitamente, em todos os momentos de sua escrita desordenada. Seu medo não é a morte, mas uma espécie de esquecimento: a possibilidade de não conseguir deixar suficientes partes de si em Bia quando se for. Essa consciência de que não vai viver por muito tempo em simultaneidade com a filha faz com que ele reflita sobre aquilo que gostaria de ensinar a ela, as experiências que gostaria de passar para a menina, mas que devido ao fluxo do tempo não será capaz. Um fragmento inteiro é destinado a elencar todos esses aprendizados que gostaria de transmitir. Muito ele já busca ensinar a ela a partir das palavras, mas ao mesmo tempo sabe que essa escrita não seria capaz de substituir todas as vivências que poderiam ter, e que suas palavras também não podem estancar a falta que ele fará, e essa é uma das maiores certezas que possui no momento: “[...] eu ia te contar o segredo do universo como quem sussurra uma canção de ninar, mas eu não posso, filha, eu só posso te garantir, agora que chegaste, a certeza da despedida.” (CARRASCOZA, 2017, p. 37).

Candau (2012) também reflete sobre a questão da inevitabilidade da morte, e exprime que, ao pensar em sua relação com o mundo, o homem precisa encarar duas certezas que lhe são dolorosas: o fato de que morrerá e o fato de que será esquecido, sendo que esses dois fatos indicam a dissolução de uma identidade. João sabe que

morrerá, e isso é uma dor para ele, não pela morte em si, mas pela certeza da despedida em relação à menina que ainda mal conhece. Ele sabe reconhecer que tudo vai acabar, assim como também sabe que um dia suas presenças serão esquecidas de todo, ao menos conscientemente. Seu objetivo é simplesmente não se fazer esquecimento para a filha, é que ela tenha uma presença em quem se apegar e que não perca aquela experiência que poderia lhe passar tantos ensinamentos.

Há uma consciência forte da efemeridade das coisas, característica da vida de cada um. João tem noção de que aquilo que possuem no momento - sua presença, sua chance de passar esses aprendizados - logo não vão mais possuir. Tudo se transforma muito rápido, e ele sabe

“[...] que, em breve, não estaremos mais aqui, e, enquanto estivermos, eu quero, humildemente, te ensinar umas artes que aprendi, colher a miudeza de cada instante, como se colhe o arroz nos campos, cozinhá-la em fogo brando, e, depois, fazer com ela um banquete.”
(CARRASCOZA, 2017, p. 32).

O personagem tem muito clara a intenção de transmitir algo para a menina, de ensiná-la a partir de sua experiência, legar a ela as coisas que aprendeu e a sabedoria que conseguiu adquirir até então. Sua herança de verbo é uma herança de aprendizado, e pensando nisso, aqui entram as epígrafes escolhidas, em especial a de Santo Agostinho. Trata-se de ensinar as coisas futuras, mas não como uma adivinhação ou como uma previsão, mas considerando o fato de que aquilo que ele irá ensinar a ela, a partir de seus escritos e das vivências que conseguirem ter, serão aprendizados a influenciar na lida com as coisas futuras. Ela construirá sua própria experiência e precisará aprender por si só o que fazer no futuro, mas ao mesmo tempo terá ao lado os ensinamentos que o pai lhe passou e o quanto essa herança germinou dentro de si.

Sobre a questão da experiência é importante perceber que ele não impõe à menina suas próprias experiências e aprendizados como algo certo, como conhecimentos que necessitam ser absorvidos. Ele considera que ela terá suas próprias vivências e aprenderá por si mesma muita coisa. João não desconsidera aquilo que Bia irá viver, pois, apesar

das heranças, todas as vidas são únicas. Há um fragmento em que o personagem realiza uma espécie de corrente de definições poéticas para diversas palavras, uma puxando a outra. Nessa parte, ele define: “Experiência: o vivido intransferível. Intransferível: o que sentimos com este corpo e o que reverbera só em nossa alma.” (CARRASCOZA, 2017, p. 71). Se João considera a experiência como esse intransferível, não há como simplesmente conduzir suas experiências para Bia e fazer com que ela veja o que ele viu. Talvez até por isso mesmo não sejam tantas as lembranças anteriores que ele põe no livro, apenas aquelas que podem talvez ajudar a menina a entender esse momento presente. Com tudo que diz, ele não está tentando transferir a ela sua experiência, e sabe que não é possível que ela simplesmente adquira de forma passiva os seus ensinamentos, justamente porque o intransferível é isso que só reverbera em si mesmo. Não dá para vir de outra pessoa se não contiver pedaços de nossa própria vivência. A herança tem o objetivo de se misturar com as percepções que Bia terá sobre a vida. Não é um escrito para ser assimilado por inteiro, pois João considera as próprias experiências que a menina vai ter, e o quanto esses ensinamentos podem ajudá-la, embora nunca substituir aquilo que ela ainda tem para viver.

3.3 FORMAR-SE A PARTIR, E APESAR, DAS HERANÇAS

*Repetirás o que me ouviste
o que leste de mim, e mostrarás meu retrato
- e nada disso serei eu.*

*Dirás coisas imaginárias,
Invenções sutis, engenhosas teorias
- e continuarei ausente.*

*Somos uma difícil unidade,
de muitos instantes mínimos
- isso seria eu.*

(Cecília Meireles)

Sobre a relação entre a memória e a formação da identidade, o historiador Jacques Le Goff (2003, p. 469) afirma: “A memória é um elemento essencial do que se costuma

chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia.” Por sua característica de pensar em especial a relação com a história, a abordagem de Le Goff reflete especialmente sobre o aspecto coletivo da memória e da identidade, mas o que diz também se aplica aos indivíduos. A memória será de importância primordial porque aquilo que lembramos são os elementos que possuímos na maior parte das vezes para nos definir. A alguém sem memória faltaria toda a dimensão identitária. Uma pessoa é feita por aquilo que ela guarda.

Essa constituição da identidade a partir da memória também é válida em termos de memórias herdadas, como mostra Pollak (1992). A memória - mesmo que não seja a do indivíduo em si, mesmo que seja de um grupo, como é o caso de toda a história familiar que faz parte de João e que está passando a fazer parte de Bia também - é um elemento constitutivo do sentimento de identidade. Pollak fala sobre esse senso de identidade em sua forma mais básica e também superficial: seria a imagem do indivíduo para si mesmo e para os outros, a qual é construída aos poucos e nunca deixa de estar nesse processo de construção, seria

[...] a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p. 204)

Isso é o que está em construção em cada indivíduo, e sobre essa identidade a memória vai influenciar de forma fundamental, sendo muitas vezes aquilo que pode lhe garantir um sentimento de continuidade e de coerência. É muito mais fácil identificar o caminho que se vem seguindo, o modo como tudo que foi feito desemboca naquilo que a pessoa é, quando se tem as lembranças como o elemento que dá uma sensação de continuidade para o movimento desordenado de cada biografia.

A menina herda muito dessa memória, e carrega consigo o passado que lhe precede, ao mesmo tempo em que dá uma continuidade a isso a partir de suas vivências. Ela tem a

possibilidade de fazer justamente o que João está a fazer para ela: reformular a partir do momento presente, a partir do que está a acontecer nesse instante, que vai influenciar o modo como a percepção registra todo esse passado. Além disso, aquilo que ela criar de memórias também vai influir na memória familiar que será criada, o que ela escrever com sua vida fará parte da memória que um dia será transmitida para outras pessoas também: “[...] a tua história, Bia, há de ser mais uma cicatriz que se somará a outras nas páginas de rosto da nossa família [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 56).

Candau (2012) sugere que a memória é muitas vezes a forma como o indivíduo irá captar e formar um sentido para o mundo em sua volta, sendo uma maneira de estruturá-lo e inseri-lo em uma certa ordem. Essa é uma necessidade em termos de formação de uma identidade: tentar dar um pouco de ordem a esse caos, para que seja possível ao menos um pouco de entendimento. Sobre as lembranças, o autor afirma que são “[...] isso que, em um passado filtrado e colocado em forma pelo crivo da memória, consideramos ser a causa do que somos e do que seremos.” (CANDAU, 2012, p. 65). As memórias que João foi criando ao longo do tempo, as lembranças que guarda e que expõe aos poucos a partir de seus escritos são parte formadora da pessoa que acredita ser. Seu desejo é conseguir influenciar um pouco nessa formação de identidade da filha, não sendo simplesmente uma ausência a se desenhar nas memórias que ela vai vir a ter em relação a sua família, mas fazendo-se uma presença que possa influenciar um pouco nessa formação de quem Bia será. Candau fala sobre as três direções do trabalho de memória em relação à identidade:

As relações de si para si mesmo, o trabalho de si sobre si mesmo, a preocupação, a formação e expressão de si, supõem um trabalho da memória que se realiza em três direções diferentes: uma memória do passado, aquela dos balanços, das avaliações, dos lamentos, das fundações e das recordações; uma memória da ação, absorvida num presente sempre evanescente; e uma memória de espera, aquela dos projetos, das resoluções, das promessas, das esperanças e dos engajamentos em direção ao futuro. (CANDAU, 2012, p. 60)

As três direções do trabalho da memória estão presentes: o olhar de João para o passado que constituirá a filha, a ação dessa escrita no presente e as expectativas relativas

àquilo que Bia será. Tudo isso será definitivo na formação de identidade da menina, especialmente as duas últimas, visto que ela é praticamente formada em futuros. Porém em alguns momentos, João se refere às lembranças que já possui de Bia, no passado da menina, que se faz aos poucos memória junto deles: “[...] embora tenham se passado apenas dez meses da tua chegada, eu já tenho muitas reminiscências; sim, o que eu guardo de ti, Bia, constitui, ainda que pequeno, um testamento [...]” (CARRASCOZA, 2017, p.100-101). Dessa forma, a identidade de Bia, construída por enquanto pelos olhos de João, já começa a se munir aos poucos da primeira direção da memória, essas lembranças do passado que vão envolvê-la aos poucos, influenciando quem é.

Muito daquilo que será memória de Bia no futuro se dará também a partir dessa narração de João e das palavras que ele dá a ela. Isso também é uma parte importante da identidade: o relato que vem dos outros. Bakhtin (2011) fala sobre a influência que a narração dos outros tem sobre como percebemos nossa própria biografia, e até mesmo da necessidade desse outro olhar para ajudar a construir uma narrativa de nós mesmos que, no fim das contas, será o modo como tentaremos dar conta de nossa identidade. Sobre esse outro aspecto da biografia, Bakhtin, diz:

Tomo conhecimento de uma parte considerável da minha biografia através das palavras alheias das pessoas íntimas e em sua tonalidade emocional: meu nascimento, minha origem, os acontecimentos da vida familiar e nacional na minha tenra infância (tudo o que não podia ser compreendido ou simplesmente percebido por uma criança. Todos esses momentos me são necessários para a reconstituição de um quadro minimamente inteligível e coerente de minha vida e de seu mundo, e eu, narrador de minha vida pela boca das suas outras personagens, tomo conhecimento de todos aqueles momentos. (BAKHTIN, 2011, p. 142)

Se não fossem essas narrações realizadas por outras pessoas próximas, às vidas faltaria um senso maior de plenitude e coerência. Não haveria nenhum tipo de unidade, pois é necessário esse complemento que só a história contada por um outro pode oferecer, senão o entendimento e a narração da própria vida acabam sendo algo que morre em si mesmo, um olhar de mim para mim. Para que o relato não fique desordenado é necessária essa aproximação dos valores dos outros, que auxiliarão na compreensão da própria vida.

Muito do que Bia saberá vai ser baseado naquilo que contam sobre si, em palavras sobre o seu nascimento e sobre tudo que acontecia nessa época, e o pai será fundamental para essa reconstituição. Quando João diz à menina que sua história é aquilo que possui de mais precioso e que “[...] ainda que não venha a ser grandiosa, é a tua história que te dará a medida de estar no mundo [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 55), ele fala daquilo que ela vai vir a criar, mas também da história que ela já vem guardando desde os registros feitos por eles, e essa parte de sua biografia ela só vai apreender a partir do relato que vem dos outros, assim como a partir desses escritos do caderno.

Em face dessas memórias, é esperado que a identidade da personagem vá se delineando aos poucos, a partir de suas próprias vivências e daquilo que chega a ela sob a forma de uma memória que faz parte de si. É importante atentar para o fato de que essa identidade nunca estará formada de todo, visto que sempre sofrerá diferentes influências durante os estágios da vida. Sobre esse processo de formação da própria identidade do indivíduo, Stuart Hall escreve:

[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada” [...]. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado de plenitude. (HALL, 2006, p. 39)

O caderno pode ser visto como uma forma de biografia, tanto para João como para Bia, no sentido mais puro do termo: a ideia de pensar sobre uma determinada vida. É um olhar de João para suas próprias lembranças, já organizando a forma como podem influir no aprendizado da menina. É também um olhar sobre a vida dessa menina que acaba de nascer, mas que já traz dentro de si tantas diferentes heranças. Essas biografias ajudam a tentar criar uma plenitude, que nunca deixa de ser ilusória, mas que mesmo assim é buscada, como uma forma de compreender melhor uma identidade que está sempre sendo construída, e é por essas questões que Hall fala sobre o elemento imaginário da unidade

da identidade, justamente porque há essa tentativa de expressá-la na narrativa. João exprime uma consciência sobre o processo inacabável de construção da identidade, como quando diz à filha: “[...] esta nossa impossibilidade, Bia, de fazer coincidir o que somos com o que seremos, o minuto-pré com o minuto-pós, resume e diz tudo, absolutamente tudo, sobre a nossa condição.” (CARRASCOZA, 2017, p. 68). Ambos estão sempre a mudar e nunca é possível permanecer o mesmo, o antes e o depois sempre vão ser diferentes, como num rio sobre o qual não se passa duas vezes, pois a cada travessia trata-se de um novo rio. A cada momento, estamos mudando, mas a partir da escrita é possível encontrar-se com os diversos passados, é possível narrar uma vida, organizá-la como uma história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conceitos de memória e escrita estão completamente entrelaçados na construção do texto que foi analisado. Escrever no caderno para sua filha é uma forma de João acessar suas próprias lembranças, aquelas que acredita serem importantes para compor o amálgama de vivências que deseja transmitir à menina a partir de seu escrito. Seu desejo é, tendo como base essas lembranças, criar para ela uma espécie de testamento, esta herança que lhe é deixada voluntariamente, para além das heranças que ela já possui de forma natural. Suas memórias e, mais do que isso, suas reflexões sobre o ato da recordação fazem parte daquilo que deseja legar à menina. O caderno é muito importante para a transmissão desses ensinamentos, sendo que a ideia é que essa experiência transmitida possa dialogar com aquelas que a própria menina terá por si só, visto que João nunca deixa de considerar aquilo que ela construirá individualmente.

Nesse caderno, ele fala a partir das palavras, mas também a partir das pausas, das vírgulas, das marcas. Para além do que está escrito, enquanto objeto, o caderno já garante sua importância como um catalisador para as memórias de Bia a partir das de João. O objetivo central do pai não é narrar a própria vida, mas manter um diálogo com essa menina, como se lhe mandasse uma carta. Porém, enquanto diário-carta, seu escrito traz muito de si e de seus próprios entendimentos sobre as coisas, além de sua experiência, a qual advém daquilo que viveu e daquilo que vive. As percepções atuais desse pai estão expressas junto às doses de passado e de reflexões que ele traz para a narrativa. Essas percepções sobre o que está a ocorrer no momento já estão impregnadas de lembranças do passado, as quais condicionam o que será enxergado e como tudo será percebido pelo personagem. Porém, o passado também muda. Aquilo que está a acontecer nesse instante influencia o modo como os instantes anteriores são percebidos e, até mais do que isso, quais serão escolhidos para a narração. Afinal, aquilo que João escreve ou deixa de escrever - silêncios, lacunas, cortes - tudo isso tem algum tipo de significado em relação ao que está a vivenciar e às coisas que gostaria de transmitir à filha.

Seu olhar não é saudosista, nem busca trazer o passado como a única fonte possível de aprendizados, assim como não sobrepõe suas experiências àquelas futuramente vividas por Bia. As lembranças que traz para dentro das linhas do caderno estão calcadas no

presente. Em diversos momentos ele sugere que é esse estado atual que importa, o modo como cada instante será vivido, com o máximo de atenção. Essas lembranças têm sua maior força na ação do presente. O que acontece naquela hora é o que influenciará o narrado. As diversas reflexões sobre capturar o momento tentam ensinar à menina a fazer muito daquilo que João realiza com a escrita: manter um olhar afetuoso e cheio de atenção para as coisas pequenas de cada instante, pois é ali que está o núcleo do vivido, é com esse olhar cheio de presente que ressuscitamos nossos mortos.

Essa atenção também é uma forma de guardar as memórias dentro de si e não depender apenas das mídias de memória para as recordações. A escrita é um outro modo de recordar, pois é um modo que busca elaborar, para além de simplesmente registrar, e a linguagem faz com que ali se fixem esses momentos recordados, embora a emoção permaneça dentro daquele que recorda, bem como dentro daquele que se afeta pelo recordado. A relação com os outros meios de manter uma lembrança já não são tão reforçados por João. Aquilo que mais vemos, para além das palavras, são as fotografias. Mesmo essas não são vistas como algo positivo se em demasia. Elas são vistas por João muitas vezes como uma forma de evocar as histórias e pessoas que viraram passados. São fomento para os símbolos e os afetos do narrador.

Mas para além desses meios como as fotografias e até mesmo a escrita, as lembranças se guardam dentro dos próprios indivíduos. Lá está aquilo que será evocado quando se olharem as imagens ou quando se lerem as palavras. Há tudo isso dentro de João, e aos poucos passará a haver dentro de Bia. A menina será constituída por muitas das lembranças que virá a guardar: lembranças com o pai, lembranças com outros conhecidos, lembranças de ausência. Nem sempre serão boas; muitas vezes o indivíduo vai querer se fazer esquecimento, mas mesmo assim as memórias estão ali ajudando a criá-lo, o que se mostra quando João diz à Bia “[...] sozinha, apenas um ano velha, no teu berço, estás tão povoada, Bia, e, embora o oco doa mais, haverá dias em que suplicarás por te esvaziar de tudo –e a natureza vetará!” (CARRASCOZA, 2017, p. 111). Mesmo pequena, ela já está povoada dessas memórias e dessas heranças, muitas das quais vêm de antes de seu nascimento, e não é possível se livrar das marcas, é possível apenas construir outras memórias, ir crescendo apesar das marcas, ao lado das ausências. É possível definir-se a partir daquilo que escolhemos na narrativa de nossa identidade, aprender a

conviver da melhor forma com o inevitável.

A ideia dessa herança familiar construindo a identidade está muito presente, como quando João escreve a Bia sobre o modo como aquilo que lhe chega desde antes constitui aquilo que ela é: “[...] em ti, filha, alinha-se, em fila dupla, o que é teu e o que em ti pertence aos outros [...]” (CARRASCOZA, 2017, p. 110). Na menina está presente tanto o que vai se criando nela a partir da memória quanto aquilo que ela herda na forma dessa transmissão. João expressa para Bia a importância desse passado que começa a fazer parte dela e que será o que constituirá parte de sua identidade.

Pensando no trabalho da memória em relação ao personagem João, vemos que ele coloca-a em seu texto a partir das três direções que pode tomar: em primeiro lugar, essa memória do passado, a partir de suas lembranças especialmente em relação à família; depois, a memória de ação, que se relaciona com as recordações imediatas que possui de Bia e do fato de estar escrevendo no caderno, nesse presente que continua a se tornar passado; e, finalmente, a memória de espera, sendo aquilo que projeta em relação à Bia, as coisas futuras que procura ensinar a ela a partir de seu lugar, situado em um presente que é o passado da menina. Muito do que estava sendo tratado especialmente no segundo capítulo relaciona-se a essa memória de esperas: as promessas e esperanças de João, não em relação a si próprio, mas à filha, e o quanto em seu verbo ele parece crer que suas memórias e sua experiência, escritas no caderno, podem causar alguma influência sobre a biografia que essa menina terá. Bia, por ser bebê ainda, e ter uma identidade que ainda vai se construir aos poucos, é quase que inteira formada nessa memória de ação e essa memória de esperas, tudo simultaneamente.

E, ao mesmo tempo em que no caderno João está realizando um arquivamento de si próprio, esta também não deixa de ser uma forma de registrar fatos sobre Bia, de transformar o início de sua vida em uma espécie de narrativa coerente, visto que esses arquivamentos são uma forma de construir a si mesmo, de maneira bastante individual. Deve-se ter as ressalvas de perceber que tais arquivamentos não serão uma construção dela mesma por completo porque é visto sobre a ótica de João (e porque construções por completo inexitem), porém ele é esse *outro* necessário à identidade, como expõe Bakhtin (2011). Sendo assim, seu relato é necessário para a construção da individualidade de Bia.

Um pouco de quem Bia é nesse início está naquilo que os outros preparam para si: está nas filmagens, está no livro do bebê mantido pela mãe, está nas palavras dos familiares e, em especial, nas palavras escritas no caderno, visto que essas foram feitas justamente como um registro desse primeiro momento. João enquanto escreve ainda não tem noção da importância que terá, mas quando ele – e quem o lê – precisa se deparar com a morte de Juliana, é nesse instante que se nota que grande parte daquilo que Bia saberá sobre quem ela é nessas origens, muito dessa identidade que se constitui, dependerá da presença efetiva de João. Nesse ponto, sua relação com ela e mesmo o caderno que escreveu durante um ano se munem de um outro significado, considerando que agora suas presenças precisam estar unidas, visto que então só têm um ao outro. A narração de João será a mais fundamental para que Bia, essa que está se criando aos pouquinhos, consiga na sua própria narrativa de vida, ter alguma noção de quem é, conseguir restituir os caminhos que a levaram até ali.

O caderno é então uma maneira de diminuir o peso das perdas, de ter nas palavras desenhadas na caligrafia do pai os ecos do que busca ensinar à filha apesar da ausência, apesar das cicatrizes da falta, e até mesmo devido a elas. Apesar de não ter um formato de narração, o caderno ajuda a organizar essa história que ultrapassa o alcance de suas linhas: legados para uma biografia que se forma, advindos de uma biografia que logo se tornará estática. Rememorações, reminiscências. Um diálogo que surge da tentativa de que o essencial não se torne esquecimento. Um caderno que é testamento e carta. Marcas. Palavras.

REFERÊNCIAS

- ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria vida”.. In: *Estudos Históricos*, vol. 11, nº. 21, p. 9-34. Rio de Janeiro, 1998
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução de Paulo Soethe. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. A autobiografia e a biografia. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p. 138-153.
- BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. In: *Rua de mão única: obras escolhidas, vol. 2*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987, 239-240.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves da Silva. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1990
- BOSI, Ecléa. “Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano.” In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade de Comunicação e Artes da PUC Minas, vol. 1, nº. 2*. Belo Horizonte, nov. 2012 / abr. 2013. Entrevista concedida a Mozahir Salomão Bruck. Disponível em: <periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/download/4301/4454>. Acesso em: 15/11/2017
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. Tradução de Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012
- CARRASCOZA, João Anzanello. *A pele da terra*. São Paulo: Alfaguara, 2017
- _____. *Caderno de um ausente*. São Paulo: Alfaguara, 2017
- _____. *Menina escrevendo com pai*. São Paulo: Alfaguara, 2017
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever e esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Tradução de Antonio Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Passagens. 1992, p. 129-160.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003, p. 419-477.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: *Estudos Históricos*. vol. 5, nº. 10. Rio de Janeiro, 1992, p. 200-212.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos da memória em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, Editora da UNICAMP, 2001, p. 37-58.

TADIÉ, Marc; YVES, Jean. Acquisition des souvenirs. In: *Le sens de la mémoire*. Paris: Gallimard, 1999, p. 95-123.